

5

Análise dos dados

Neste capítulo, serão analisadas as diferentes maneiras com que Seu Francisco se constrói em sua decisão de migrar para o Rio de Janeiro e como ele se posiciona em relação à sua família, trabalho e amigos nas situações sócio-culturais vividas em sua terra natal e na cidade para qual ele migra. Para isso, procederemos à análise das narrativas, crônicas e explicações presentes na fala de Seu Francisco construídas durante o processo de interação entrevistador/entrevistado, buscando-se entender de que maneira sua ocupação como porteiro, seus posicionamentos e suas próprias interpretações sobre as experiências que fazem parte de sua caminhada, desde sua vida na roça até o momento em que conversamos durante as entrevistas, sustentam seus valores e práticas culturais na construção de sua identidade.

A pesquisa qualitativa propiciou um desenrolar ilimitado de significados que se desenvolveram durante as entrevistas. Por isso, a análise está dividida em cinco seções temáticas, organizadas de acordo com os principais tópicos abordados durante as entrevistas. A primeira seção analisa como Seu Francisco constrói-se a partir da motivação de ir para o Rio de Janeiro. Na segunda seção, observaremos as construções identitárias de Seu Francisco em relação ao seu trabalho em sua terra natal e no Rio de Janeiro. A terceira seção trata das identidades construídas a partir do relacionamento do migrante com sua família e amigos do Rio de Janeiro e da sua terra natal. Na quarta seção, analisaremos o posicionamento do migrante em seu desejo de voltar para a roça. A quinta seção analisa como Seu Francisco se posiciona em relação a sonhos realizados.

5.1

A motivação do processo de migração

As minhas primeiras perguntas a Seu Francisco foram criadas com a intenção de despertar no entrevistado lembranças que fazem parte de sua história de vida. A minha pergunta a Seu Francisco “quando você morava no nordeste, quais os sonhos que você tinha lá?” (segmento 1, linhas 1 e 2), abaixo, na primeira

entrevista, foi criada com base no pressuposto de que todos nós temos um sonho e que, talvez, a vinda dele para o Rio de Janeiro tivesse por objetivo a realização de um sonho. Nesse sentido, minha expectativa era de que Seu Francisco iniciasse a sua história de vida.

Segmento 1

meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei, era trabalhar na roça

- | | | |
|------|-----------|--|
| 1 | Rosania | seu francisco, queria saber do senhor o seguinte, é:: |
| 2 | | quando:: vou lhe chamar de você pode ser? |
| 3 | Francisco | pode |
| → 4 | Rosania | quando você morava no nordeste, quais os sonhos que |
| → 5 | | você tinha lá? |
| → 6 | Francisco | meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei, |
| → 7 | | era trabalhar na roça >na () (de) ter assim espaço de |
| → 8 | | terrenos assim que ... ter ter essa plantação do que a |
| → 9 | | gente é era:: a a vida da gente era essa |
| → 10 | | e:: ter espaço né? mas não tinha. |
| → 11 | | aí que:: veio aí ta hoje aqui porque os colega mais |
| → 12 | | mais antigos que... é chegava lá me aconselhando |
| → 13 | | “ah:: vamo comigo porque lá é assim assim lá o |
| → 14 | | emprego a gente ganha mais e:: é melhor de viver do |
| → 15 | | que aqui você fica só:: trabalhando na roça e não tem |
| → 16 | | futuro quase nada”, aí foi quando tomei o destino |
| → 17 | | assim pela o a força assim da ajuda do colega que já |
| → 18 | | conhecia aqui e vim pra cá. to aqui há (se) há vinte e |
| → 19 | | oito anos. só voltei lá uma vez em oitenta e três. em |
| → 20 | | oitenta e três que [eu voltei lá pra visitar] |
| → 21 | Rosania | [sei sei] a família |

Entrevista 1

Em resposta à minha pergunta, Seu Francisco inicia a sua narrativa com um sumário e uma orientação encaixada. De modo breve, Seu Francisco diz que o sonho dele era trabalhar na roça, ter terrenos para plantação no interior, onde morava: “meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei, era trabalhar na roça >na () (de) ter assim espaço de terrenos assim que ... ter ter essa plantação do que a gente é era:: a a vida da gente era essa e:: ter espaço né? mas não tinha. /.../” (linhas 6-10).

Seu Francisco fala como era sua situação na roça, que embora quisesse trabalhar na sua terra, não havia oportunidade. Assim, ele faz com que sua história

tenha sentido e me desperte interesse de ouvi-la. Expressa o seu primeiro desejo ou sonho: trabalhar na roça, na cidade do interior: “meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei, >era trabalhar na roça <” (linha 6-7).

Em seguida, como participantes da interação naquele momento, ele me faz conhecer o modo de vida dele e das pessoas de Lagoa da Roça com uma avaliação, dizendo que a vida da população de lá não tinha mudanças. Seu Francisco sugere que ele e sua gente não tinham outras perspectivas de vida: “a a vida da gente era essa” (linha 9).

Nesse momento, ele faz uma mudança de alinhamento unindo-se às pessoas de sua terra. Ao incluir-se na voz de seu grupo, *a gente*, Seu Francisco deixa um pouco sua experiência individual para identificar-se com a coletividade de pessoas que compartilhava as mesmas experiências com ele. Faz emergir uma identidade produzida através de ação social, constituída culturalmente com o seu grupo da roça.

Pela avaliação proferida, é possível inferir que Seu Francisco expressa uma vida sem mudanças. Ele estende o significado emocional de *vida*, que ele e seu grupo da roça compartilhavam, a todos de sua comunidade identificando-se com eles.

Palavras de emoção são usadas para orientar um posicionamento particular dentro de encontros sociais e são estratégias de avaliação. Bamberg (1997) diz que essas referências às emoções enquadram o evento e são construídas no momento da interação. Seu Francisco usa essa avaliação para ajudar no meu entendimento a respeito de como era a vida na roça, contribuindo para a continuidade da nossa conversa.

Seu Francisco nascera e vivera na roça, por isso, trabalhar na roça fazia parte de seus “sonhos”; ele não precisaria ter vindo para o Rio de Janeiro. Mas, para trabalhar na roça, ele precisava de espaço. Por isso, para que essa descontinuidade seja coerente, Seu Francisco acrescenta à sua resposta uma segunda avaliação: /.../“ter espaço né? mas não tinha./.../” (linha 10).

Podemos observar como ele constrói uma agência limitada com a proposição “ter espaço né?”, tornando coerente que o seu desejo de trabalhar na roça era limitado, ao avaliá-la logo em seguida: “mas não tinha.”

Seu Francisco também conta que sofreu uma forte influência dos colegas que tinham vindo para o Rio de Janeiro com a idéia de que na roça não há futuro.

Ele usa o marcador *aí* promovendo seqüenciação coerente à ação complicadora (cf. Pereira, 1995) e sinaliza uma mudança de alinhamento quando continua sua história de vida: “/.../ aí que:: veio aí o ta hoje aqui porque já os colega mais antigos que... chegava até me aconselhando /.../”

Assim, ele dá prosseguimento à sua narrativa, passando à ação complicadora das linhas 11 a 18: “aí que:: veio aí o ta hoje aqui porque já os colega mais antigos que... chegava até me aconselhando ah:: “vamo comigo porque lá é assim assim lá o emprego a gente ganha mais e:: é melhor de viver do que aqui você fica só:: trabalhando na roça e não tem futuro quase nada”, aí aquilo foi quando tomei o destino assim pela o a força assim da ajuda do colega que já conhecia aqui e vim pra cá. to aqui há (se) há vinte e oito anos.”

Seu Francisco sonhava com um espaço de terra onde pudesse fazer a sua plantação, no entanto, a falta de perspectivas para que isso acontecesse, ou seja, as chances de que houvesse uma mudança em sua vida eram quase nulas, por isso, as perspectivas apresentadas pelos colegas também foram um motivo para deixar sua terra natal.

Podemos observar que Seu Francisco alinha-se como amigo e através da fala dos colegas. Se eles não tivessem lhe falado como é possível viver melhor, provavelmente Seu Francisco não teria se interessado em sair de sua roça. Como todos nós, ele faz parte de um mundo social que modela suas expectativas e interpretações de acordo com suas intenções e necessidades (cf. Linde, 1993). Seu Francisco posiciona-se como um homem que precisa, quer trabalhar e prosperar, mas que preferia trabalhar em sua terra e preservar suas raízes.

Juntamente com seus colegas, Seu Francisco co-constrói a decisão de sair da roça. Ele usa a fala dos colegas para avaliar a situação em que vivia: “/.../ vamo comigo porque lá é assim assim lá o emprego a gente ganha mais e:: é melhor de viver do que aqui você fica só:: trabalhando na roça e não tem futuro quase nada /.../” (linhas 13-16). A fala do “outro” é uma estratégia usada para dar coerência em sua história quando ele se constrói com mais passividade (cf. Shiffrin, 1996; Linde, 1993).

Essa fala reportada é uma maneira de realinhar-se em relação à sua ida para o Rio de Janeiro. Ao colocar a voz dos colegas em sua própria voz, Seu Francisco atribui a eles a motivação de sair da roça. Simultaneamente, ele afasta qualquer compromisso seu com a crença que na cidade moderna estavam as

chances de uma vida melhor. Pelo princípio da indexicalidade, ele indica que sua decisão tinha sido influenciada, posicionando-se menos agentivamente.

É importante lembrar que na fala reportada existem dois animadores: o que está fisicamente animando os sons que são ouvidos e o encaixado, presente no universo sobre o qual se está falando. Goffman ([1979] 2002) diz que quando usamos as palavras de outro, em vez de dizermos nós mesmos, estamos mudando nosso *footing*, ou alinhamento. Através de sua narrativa, Seu Francisco cria uma identidade “do outro” que pode experimentar num mundo criado por ele.

Ao empregar o marcador discursivo *aí*, na construção das ações narrativas, ele sinaliza a retomada do enquadre *ir para o Rio de Janeiro* e orienta o ouvinte para uma seqüência coerente em sua história: porque na roça ele não tinha espaço para trabalhar e ganhar dinheiro, ele terminava ouvindo os “conselhos” dos amigos; e de tanto ouvir sobre as experiências de sucesso na cidade grande, ele larga sua cidade e vem para o Rio de Janeiro. Dessa maneira, ele alinha-se ao senso comum de que a roça é o atrasado e a cidade grande é o moderno, dando coerência à sua decisão de deixar a roça. Seu Francisco colabora para que haja continuidade significativa em sua história.

Como nordestino, constrói-se coerente às convenções culturais que governam seu mundo social em busca de coerência para sua história de vida. Linde (1993) considera que o senso comum representa uma tentativa de entender situações e ações socialmente aprovadas pelas pessoas em seu dia-a-dia, pertencentes a um mesmo grupo, como natural, que não poderiam ser de outra maneira. A autora explica que o senso comum faz parte de uma busca de coerência apresentada em uma rede de realidade estruturada culturalmente por padrões de julgamento.

Outra pista de contextualização é usada para dar seqüência à ação complicadora de sua narrativa. Seu Francisco introduz o marcador *quando* à sua fala, sinalizando seu posicionamento em relação à ida para o Rio de Janeiro. Ele indica que sua decisão não foi tomada repentinamente, mas levou algum tempo para que se “convencesse” que tinha que procurar melhor lugar para trabalhar e ganhar dinheiro: “/.../ aí foi quando tomei o destino assim pela o a força assim da ajuda do colega que já conhecia aqui e vim pra cá. to aqui há (se) há vinte e oito anos.” (linha 16-19).

Nesse momento, Seu Francisco tenta projetar um self agentivo: “aí foi quando tomei o destino” (linha 16), no entanto, logo a seguir, torna-se mais passivo, afastando a responsabilidade por sua decisão ao usar a palavra “destino” e tornando a ressaltar a influência de um colega: “pela o a força assim da ajuda do colega que já conhecia aqui” (linha 17-18).

Ele não queria deixar sua terra, mas foi levado pelas circunstâncias. Precisava fazer sua decisão coerente para mim. Acreditou no que diziam os colegas, que “já conhecia aqui”, a cidade do Rio de Janeiro moderna, em oposição à sua terra, o campo subdesenvolvido, sem futuro.

Ao usar o marcador discursivo *já*, ele reforça meu entendimento naquela situação. Indica o conhecimento anterior do colega, afastando a impossibilidade de não ter interpretado coerentemente as palavras dele, e, por isso, afasta também a sua responsabilidade de ter falhado em sua escolha. Assim, ele negocia comigo a interpretação de sua história de vida. Ele não conhecia a cidade, mas seu colega sim.

A resolução de sua narrativa segue a ação complicadora quando ele diz: “/.../ to aqui há (se) há vinte e oito anos.” (linha 18-19). E Seu Francisco finaliza a narrativa com a coda : “/.../ só voltei lá uma vez em oitenta e três. em oitenta e três que [eu voltei lá pra visitar]” (linhas 19-20).

No segmento apresentado, podemos ver que, em meu enquadre da primeira pergunta, tento interagir com Seu Francisco com a idéia de que todos temos sonhos a realizar. O que observamos é que eu e Seu Francisco possuímos esquemas de conhecimento diferentes. A expectativa de Seu Francisco em relação à realização de sonhos é diferente da minha e ele faz outro enquadre. O sonho de Seu Francisco era trabalhar na roça e não ir para o Rio de Janeiro, como eu esperava. Ao tentar entender o que era sonho para ele, percebi que a minha experiência de “realização de sonhos” estava bem distante da experiência dele. Seu Francisco posiciona-se como o nordestino voltado para a sua terra, acostumado com a vida que levava, integrado à sua cultura, que o ensinara a realizar desejos em sua terra, enquanto os valores de outra cultura não tinham se infiltrado na sua.

A situação avaliada como sem perspectivas de mudanças aliada ao fato de que alguns colegas, que conheciam o Rio de Janeiro e voltavam para sua terra, começavam a falar de salário melhor e vida melhor na cidade grande foram as

motivações para que Seu Francisco deixasse sua terra natal e procurasse melhores chances de trabalho.

Seu Francisco posiciona-se através da crença cultural de que o campo é o lugar subdesenvolvido em relação à cidade, metrópole desenvolvida. Shiffrin (1996) explica que nossas experiências são posicionadas de acordo com expectativas sociais e culturais. Podemos notar que Seu Francisco constrói a identidade de alguém cujos valores culturais da cidade moderna, melhor para viver do que o campo atrasado, foram construídos por influência dos colegas, pertencentes à mesma rede social e política do grupo de nordestinos de sua terra (cf. Frow e Morris, 2006).

É importante lembrar que, em seu estudo sobre as migrações nordestinas, Rua (2003: 196) revela que, entre os anos 1940 e 1970, o trabalhador nacional é integrado ao modelo dualista de desenvolvimento onde o campo é o atrasado e a cidade é o moderno. Seu Francisco chega à cidade do Rio de Janeiro em 1979 na mesma década em que, com essa visão, o nordestino é direcionado para as cidades, principalmente as metrópoles, e para as regiões mais ricas. Impulsionados pela crise agrária, muitos nordestinos deixam a roça, alimentados pela perspectiva de uma vida melhor e mais justa.

Ao declarar nas linhas 5-6: “meus sonhos... que eu tinha lá no interior onde morei, era trabalhar na roça”, Seu Francisco constrói a identidade de nordestino que preservava suas raízes e que se sentia marcado pela exclusão ao sistema social, político e econômico, quando impossibilitado de acesso à terra: “ter espaço né? mas não tinha.” (linha 10).]

Podemos observar, na segunda entrevista realizada seis meses após a primeira, que Seu Francisco volta a falar do seu interesse em ir para o Rio de Janeiro, mas, dessa vez, menciona o cunhado como principal influência para sua decisão. No segmento 2 veremos como Seu Francisco enquadra sua motivação para deixar a roça, em mais uma narrativa.

Segmento 2

era roça mesmo

- 146 Rosania o senhor ouvia rádio via televisão?
- 147 Francisco não tinha televisão.
- 148 Rosania não?
- 149 Francisco não tinha televisão não tinha essa:: coisa assim de

- 150 geladeira, não tinha não era roça mesmo era coisa
 → 151 só da roça mesmo.
 → 152 Rosania então o senhor o senhor ouviu sobre o rio de janeiro
 → 153 como?
 → 154 Francisco é:: porque, tinha um veio um cunhado, cunhado
 → 155 meu pra cá... depois dele conhecer aqui:: né? na na
 → 156 naquelas visitas dele voltar lá no no nordeste aí já
 → 157 ficava:: explicando a coisa aqui como é que era
 → 158 que era mais fácil o emprego era mais fácil se
 → 159 ganhava mais, né?
 → 160 Rosania o senhor nunca tinha ouvido falar do rio de janeiro a
 → 161 não ser por ele.
 → 162 Francisco isso
 → 163 Rosania é seu Francisco?
 → 164 Francisco [()]
 → 165 Rosania [só era só ele] que ia pro rio e voltava ou tinha mais
 → 166 gente?
 → 167 Francisco tinha mais gente mas não tinha eu não tinha muito
 → 168 aquele assim interesse de procurar de conversar
 → 169 saber como é que era aquilo aí depois que esse
 → 170 cunhado meu teve () a segunda viagem dele aqui
 → 171 e:: e:: de volta aí já:: o caso dele é () até casado
 → 172 também com a minha irmã e já aí os dois vieram
 → 173 morar aqui e:: aí me interessei mais do rio por isso
 → 174 que eu cheguei aqui a:: tinha uma pessoa assim já
 → 175 família
 → 176 Rosania o senhor quando veio pra cá ficou aonde?
 → 177 Francisco na casa da [minha irmã]
 → 178 Rosania [na casa dela]
 → 179 Francisco isso.

Entrevista 2

A partir das minhas perguntas sobre o trabalho dele e os momentos de lazer, previamente elicitadas, busco mais informações sobre sua vida na roça: “o senhor ouvia rádio via televisão?” (linha 146).

Minha intenção era chegar ao motivo pelo qual ele decidira ir para o Rio de Janeiro. No entanto, me surpreendo quando ele revela que, naquela época, não havia rádio nem televisão na sua terra. Eu uso uma negativa com o tom de voz mais forte, no momento em que a resposta de Seu Francisco torna-se incoerente para mim, de acordo com minhas expectativas: “não?” (linha 148).

Seu Francisco sustenta seu enquadre de uma vida “não moderna” e me ajuda na interpretação do que tinha dito, com mais uma avaliação, tentando fazer coerente que lá na sua terra não tinha televisão porque “era roça mesmo”: “/.../ era roça mesmo era coisa só da roça mesmo.” (linha 150-151). Ele constrói sua

avaliação ao contextualizar o significado de *roça*, lugar onde se acredita que é completamente isolado e subdesenvolvido, intensificado pelo uso da expressão *mesmo* e pelo aumento do tom da voz ao pronunciá-la.

Existe uma margem nas nossas interpretações, inferidas pelo nosso conhecimento de mundo. Ele entendeu que eu não sabia o que era uma roça *mesmo*. Seu Francisco avalia aquela situação, acrescentando informação sócio-cultural para contribuir com a coerência de sua narrativa. Assim, ele me ajuda no entendimento sobre sua vida na roça e me leva a avaliar com ele.

Podemos perceber que a informação e a avaliação encontram-se imbricadas na narrativa de Seu Francisco formando uma única estrutura, que sinaliza seu posicionamento em relação ao que me contava sobre a roça.

Após sua resposta: “não tinha televisão.” (linha 149), eu aproveito a minha surpresa do “não-moderno na roça” para mudar de enquadre e faço a pergunta que interessava para minha pesquisa: “então o senhor o senhor ouviu sobre o rio de janeiro como?” (linha 152).

Com essa pergunta, eu tento co-construir com ele a motivação de sua decisão de deixar sua terra, através do conhecimento que havia obtido na primeira entrevista. A minha pergunta a Seu Francisco é co-construída no momento em que me lembro que, na primeira entrevista, segmento 1, linhas 11 a 18, ele havia falado da influência de outros colegas que tinham ido ao Rio de Janeiro e voltado. No entanto, Seu Francisco muda de alinhamento em relação ao enquadre “*deixar sua terra natal*”, expondo outro motivo para deixar sua terra.

Ele começa sua narrativa com um sumário para que eu acompanhasse o ponto a que queria chegar. “é: porque, tinha tinha um cunhado, cunhado meu veio pra cá... /.../” (linha 154-155).

E prossegue com a ação complicadora: “depois dele conhecer aqui: né? na na naquelas visitas dele voltar lá no no nordeste /.../”, que encaixa-se em mais uma avaliação: “ /.../ aí já ficava: explicando a coisa aqui como é que era que era mais fácil o emprego era mais fácil se ganhava mais, né?” (linhas 154-159).

A avaliação é usada por Seu Francisco como um processo de construção de coerência em seu posicionamento mais passivo. Todos os encantos da cidade moderna, na voz do cunhado, foram o início de sua reflexão sobre a sua vida na roça. Ele usa a voz do “outro”, cunhado dele, para ressaltar a influência exercida em sua decisão e me prepara para a continuação de sua narrativa.

Ao perceber que Seu Francisco alinha-se de outra maneira, aproveito o conhecimento da história de vida dele para co-construir sua resposta: “[só era só ele] que ia pro rio e voltava ou tinha mais gente?” (linha 165-166).

Diferentemente da primeira entrevista, em sua resposta, ele não mais aponta a insistência dos colegas. Ao contrário, diz que não dava importância ao que os colegas contavam: “tinha mais gente mas não tinha eu não tinha muito aquele assim interesse de procurar de conversar saber como é que era aquilo /.../” (linhas 167-169).

Eu insisto em meu alinhamento: “o senhor nunca tinha ouvido falar do rio de janeiro a não ser por ele.” (linha 160-161). Mas Seu Francisco sustenta o dele: “isso” (linha 162).

Seu Francisco dá continuidade à ação complicadora ressaltando o fato de só ter tomado a sua decisão após a segunda ida do cunhado para o Rio de Janeiro. Podemos ver como ele se alinha nas linhas 135 a 136: “/.../ aí depois que esse cunhado meu teve () a segunda viagem dele aqui e:: e:: de volta /.../” (linhas 169-171). Precisava de mais evidências sobre a experiência de seu cunhado no Rio de Janeiro para avaliar se era pertinente migrar também.

A ação complicadora prossegue: “/.../ o caso dele é () até casado também com a com a minha irmã e já aí os dois vieram morar aqui e:: aí me interessei mais do rio por isso que eu cheguei aqui a:: tinha uma pessoa assim já família.” (linhas 171-175).

O que o havia motivado a deixar sua terra foi o fato do cunhado já ter estado no Rio de Janeiro e ir morar lá com sua irmã, possibilitando sua estadia com eles, ou seja, em família. Assim, ele reforça a influência de sua irmã e seu cunhado na sua decisão, encaixando uma avaliação na resolução: “/.../ e:: aí me interessei mais do rio por isso que eu cheguei aqui a:: tinha uma pessoa assim já família.” (linhas 173-175).

O marcador discursivo *aí* aponta para a seqüência dos eventos coerentes em um processo avaliativo que sinaliza sua decisão adequada a uma narrativa coerente: primeiramente o cunhado esteve no Rio de Janeiro, depois ele veio morar aqui com sua irmã e só então Seu Francisco tomou a decisão de deixar sua terra. Ele iria para uma cidade desconhecida, porém, com uma referência pessoal.

Podemos observar durante a análise que o ponto da narrativa de Seu Francisco, na segunda entrevista, é o trabalho e a família. As palavras do cunhado

em relação à experiência que tivera no Rio de Janeiro passavam a ser mais confiáveis do que as dos colegas, já que se tratava de um membro de sua família. Seu Francisco iria para o Rio de Janeiro se fosse para viver em meio à sua família, como ele mesmo diz: “por isso que eu cheguei aqui a:: tinha uma pessoa assim já família” (linhas 173-175).

Em sua chegada ao Rio de Janeiro, Seu Francisco não teve que ficar com estranhos, já havia alguém da família dele com quem ele morou, sua irmã. Eu co-construo com Seu Francisco a resolução da narrativa com a minha pergunta: “o senhor quando veio pra cá ficou aonde?” (linha 176). Ele responde que foi para o Rio de Janeiro e que ficou na casa da irmã: “na casa da [minha irmã]” (linha 177).

A influência e as relações pessoais são de grande importância na construção das narrativas (cf. Linde, 1993). Nesse momento da segunda entrevista, Seu Francisco constrói uma identidade social que tem por base laços familiares e a vivência comunitária na sustentação de suas raízes e origem, que emerge no momento em que conversamos.

Na próxima seção, estaremos analisando a construção de identidade de Seu Francisco em relação a seu trabalho.

5.2

Trabalho

5.2.1

Trabalho na roça

No segmento 3, encontraremos Seu Francisco contando como era o seu primeiro trabalho na roça. Sem terra para plantar, Seu Francisco usava a terra de um fazendeiro e após a colheita dividia os lucros com ele. Ele não tinha salário porque ganhava apenas a metade do que produzia e tinha que esperar até a época da colheita para receber.

Seu Francisco começou a trabalhar ainda criança na idade de doze anos. Quando lhe pergunto, na segunda entrevista, qual foi seu primeiro trabalho, ele constrói mais uma narrativa: “meu primeiro trabalho foi o:: trabalho da roça mesmo” (linhas 13-14).

Segmento 3

meu primeiro trabalho foi o:: trabalho da roça mesmo

- 1 Rosania boa noite seu francisco
 2 Francisco boa noite
 3 Rosania é eu queria lhe fazer umas perguntinhas sobre o
 4 nordeste porque o senhor veio morar aqui né há há
 5 vin há vinte e oito anos, não é isso?
 6 Francisco isso.
 → 7 Rosania eu queria saber do senhor é:: qual foi seu primeiro
 → 8 trabalho lá :: quando o senhor morava na:: como é
 → 9 mesmo o nome da:: da sua cidade? lagoa da roça.
 → 10 Francisco isso
 → 11 Rosania é qual foi o seu primeiro trabalho lá na lagoa da
 → 12 roça?
 → 13 Francisco meu primeiro trabalho foi o:: trabalho da roça
 → 14 mesmo fa fazia plantação é:: aquele trabalho
 → 15 mesmo... como diz assim o nordestino mesmo
 → 16 lá que, ah:: trabalho é só plantação mesmo
 → 17 de tudo quanto é:: coisa da roça entendeu?
 18 Rosania tudo?
 19 Francisco tudo em geral
 20 Rosania mas era o que que? que tipo de coisa que o senhor
 21 plantava lá?
 22 Francisco é pertencia assim a a:: feijão milho é:: é:: alface
 23 ver verdura em geral tudo isso.
 24 Rosania seu francisco, o senhor tinha salário?
 25 Francisco não agente plantava assim: e esperava é:: aquele
 26 tempo de de da colheita pra ve vender e pra poder
 27 ter um salário era assim
 28 Rosania [não tinha salário.]
 29 Francisco [não não] ...chegava assim naquela fazia aquela
 30 plantação e ia esperar, aqueles meses de de colheita
 31 pra poder... ter o aquela:: aquela renda né?
 32 Rosania ah o senhor plantava e depois [vendia] o que o
 33 Francisco [isso]
 34 Rosania senhor plantava? a terra era sua?
 35 Francisco não não ...isso aí era o terreno que... a gente::
 36 aqui a gente diz assim ALUGUEL essas coisas mas
 37 lá já é bem diferente,
 38 Rosania como é lá? ((nesse momento dois rapazes passam
 39 conversando))
 → 40 Francisco a gente plantava assim aquelas coisas assim:: na
 → 41 hora da colheita dividia assim meio a meio,
 → 42 entendeu? vamos supor que você() fizesse
 → 43 assim duzentos reais aí tinha que devolver cem pra
 → 44 o patrão que era o [dono do terreno]
 → 45 Rosania [ah entendi]

- 46 Francisco ce né, >°entendeu?°<
 → 47 Rosania entendi tipo um [arrendamento né?]
 → 48 Francisco [isso isso] isso.
 → 49 Rosania é:: seu () quantos anos ce tinha? o seu francisco
 → 50 quantos anos ce tinha?
 → 51 Francisco na na época assim?
 → 52 Rosania é
 → 53 ah co comecei a trabalhar com meu pai na época
 → 54 tinha o que era:: doze anos
 → 55 doze anos >[o senhor] começou a trabalhar na
 → 56 Francisco [doze anos]
 57 Rosania roça? <
 58 Francisco é... e daí pra frente foi isso
 59 Rosania aí ficou dez anos pra vol pra vir pra cá?
 60 Francisco isso

Entrevista 2

Ao dar seqüência à ação complicadora, das linhas 40 a 44, S. Francisco percebe que eu não tinha entendido bem como era a sua situação de trabalho lá em sua terra e muda seu alinhamento em relação ao que está me contando. Ele me coloca em sua experiência real de vida me fazendo participar de sua história. Ao usar o tratamento *você* para explicar sua situação na roça, ele me encaixa em sua história e me faz sentir parte de seu grupo de nordestinos: “/.../ vamos supor que você () fizesse assim duzentos reais aí tinha que devolver cem pra o patrão que era o [dono do terreno]” (linhas 42-44).

Ao me inserir no mundo da sua história, ele cria uma situação hipotética na qual é possível avaliar aquela situação, despertando entendimento e contribuindo para o estabelecimento de coerência em sua história. Eu co-sustento as suas expectativas quando retomo meu turno: “ah entendi” (linha 45).

Seu Francisco posiciona-se como um nordestino completamente inserido em sua cultura através de práticas regionais, construindo-se agentivo em sua terra de origem.

No segmento 4, tento estabelecer outro tópico com a intenção de obter alguma narrativa de algum evento em sua terra. Mas, Seu Francisco retoma o tópico *trabalho*. Ele diz que os nordestinos trabalhavam de segunda a domingo e que não tinham tempo para o lazer, como a famosa “pelada”, jogo de futebol

informal, no Rio de Janeiro. Podemos, então, perceber que a vida dele era inteiramente voltada para o trabalho na roça.

Segmento 4

era só trabalhando

- 61 Rosania e e me diz uma coisa seu francisco como era sua
 → 62 vida lá heim?...o que que o senhor fazia lá quais
 → 63 eram as coisas que o senhor fazia lá?
 → 64 Francisco era isso assim como bom era só... plantação de
 → 65 segunda a segunda domingo a gente não ficava
 → 66 era... trabalhando em casa mesmo, entendeu?
 → 67 fazendo aquelas colheitas do que tinha que separar
 → 68 tudo era aquela, aquelas que a gente tinha que
 → 69 fazer:: era assim, >°entendeu?°< tinha assim,
 → 70 brincadeira distrair ir pra casa do vizinho jogar bola
 → 71 igual a gente chama de pelada não sei o que a gente
 → 72 não tinha isso não, era só trabalhando.
 → 73 Rosania [só fazia trabalhar?]
 → 74 Francisco [só trabalho] trabalho.

Entrevista 2

Para que eu entendesse melhor, Seu Francisco compara seus domingos em sua terra com os do Rio de Janeiro, em que as brincadeiras de jogar bola são um hábito. Assim, ele avalia como eram seus domingos na roça: “/.../ tinha assim, brincadeira distrair ir pra casa do vizinho jogar bola igual a gente chama de pelada não sei o que a gente não tinha isso não, era só trabalhando” (linhas 69-72).

A partir da minha co-participação em sua história de vida, pergunto demonstrando entendimento e avaliando com ele: “[só fazia trabalhar?]” (linha 73). Dessa maneira, Seu Francisco co-sustenta seu alinhamento e ratifica a sua avaliação anterior: “[só trabalho] trabalho” (linha 74). Como um processo social, ele constrói sua identidade através da ação social *trabalho* (cf. Bucholtz & Hall, 2005). Ao empregar o marcador discursivo *só* antecedendo a palavra *trabalho*, que é repetida duas vezes, Seu Francisco sinaliza que sua vida era trabalho de segunda a domingo, posicionando-se como um homem agentivo fundamentalmente trabalhador na roça.

Podemos observar como ele se identifica com as pessoas de sua terra ao empregar “a gente” em sua avaliação para explicar como era seu trabalho na roça: “/.../ brincadeira distrair ir pra casa do vizinho jogar bola igual a gente chama ch

ch () pelada não sei o que a gente não tinha isso não,” (linha 56-57). Ele identifica-se como membro de uma comunidade que compartilhava das mesmas experiências e dos mesmos conceitos culturais, fazendo parte de uma coletividade com características bem diferentes das pessoas do Rio de Janeiro. Seu Francisco enfatiza mais a sua identificação com o grupo do que com o seu papel individual em sua experiência (cf. De Fina, 2003).

Ainda na segunda entrevista, pergunto a Seu Francisco, no segmento 5, linhas 322 a 324, se teve algum momento ruim na terra dele. Ele responde avaliando seu trabalho na roça como imprevisível e insuficiente para suprir todas as suas necessidades: “/.../ mas só que não não dá pra sobreviver aquela coisa limitada ali” (linhas 330-331).

Segmento 5

querer é ter um: um emprego até até na roça mesmo

- 322 Rosania é:: bom nunca é tarde né:: seu Francisco:: né enfim,
 → 323 mas deixa eu só lhe fazer mais uma perguntinha me
 → 324 diz aí seu francisco um mo- uma se é que teve
 → 325 quando um:: momento ruim lá na sua terra.
 → 326 Francisco não não teve não teve um momento-, um momento
 → 327 ruim que a gente sente lá é isso de querer, de querer
 → 328 é é ter um: um emprego até até na roça mesmo a
 → 329 gente ter uma coisa assim pra:: situação financeira
 → 330 pra gente sobreviver lá mas só que não não dá pra
 → 331 sobreviver, aquela coisa limitada ali só do do, que
 → 332 você viu assim, por exemplo você quer, ah hoje eu
 → 333 vou então compra uma roupa tal uma comparação,
 → 334 aí você vai ter que desfazer aquela roça que você
 → 335 plantou com aquele trabalho todo, é botar naquelas
 → 336 casas de farinha que a gente, é fala e:: aquilo ter que
 → 337 fazer todos os esforços pra poder aquela colheita ta
 → 338 na na na no ponto de levar pras feiras pra vender e
 → 339 às vezes você pensa que vai se dar bem que aquilo
 → 340 você vai colher uma coisa que vai dar pra se manter
 → 341 e às vezes não dá.

Entrevista 2

Na explicação dada, primeiramente, ele diz não ter momento algum ruim, mas continua a resposta com uma ressalva, entendendo que a falta de condições financeiras para ter uma vida tranqüila era o único motivo que levava a ele e sua gente a se sentirem infelizes. Ele não estava interessado em deixar sua roça.

Trabalhar na “**roça mesmo**” já o faria feliz e realizado, se fosse em outras condições: “não não teve não teve um momento-, ruim que a gente sente lá é isso de querer, de querer é é ter um um emprego até até na roça mesmo /.../” (linhas 326-328).

Para justificar que o momento ruim que ele tinha era a situação de querer ter um emprego e não ter, ele responde com uma longa avaliação de como era sua vida financeira e seu trabalho na roça: “não não teve não teve um momento-, um momento ruim que a gente sente lá é isso de querer, de querer é é ter um: um emprego até até na roça mesmo a gente ter uma coisa assim pra:: situação financeira pra gente sobreviver lá mas só que não não dá pra sobreviver, aquela coisa limitada ali /.../” (linhas 326- 331). Nesse momento, em uma explicação, ele estende sua avaliação a todos de sua terra ao unir a voz das pessoas de sua comunidade a dele: “a gente” (linhas 328-329; 330) fazendo, assim, seu grupo participar de sua história (cf. Linde, 1993). Podemos perceber que Seu Francisco se posiciona emocionalmente ao lembrar de sua “gente” na roça.

Seu Francisco se posiciona como parte integrante do grupo de nordestinos de sua terra que vivenciam a situação de querer trabalhar sem perspectivas favoráveis para isso. Ele não estava falando de uma experiência individual, mas de uma situação compartilhada por uma comunidade.

Quando Seu Francisco usa a expressão *até mesmo* para avaliar um emprego e se referir à roça, ele negocia comigo a interpretação de que, na verdade, não tinha pensado em sair de sua terra. Tanto ele como o grupo de nordestinos de sua comunidade entendiam *trabalho* como sendo trabalho da roça, e não faziam questão de ir para outro lugar. Tudo o que queriam era o suficiente para sobreviver, mas nem isso eles tinham.

Continuando sua avaliação, Seu Francisco sai do seu mundo de experiência com os membros de sua comunidade e, mais uma vez, cria uma situação hipotética, que possibilita com que aquela situação seja avaliada juntamente com ele. Ele muda seu alinhamento quando me faz vivenciar aquela situação usando *você* para explicar: “/.../ às vezes você / pensa que vai se dar bem que aquilo você vai colher uma coisa que vai dar pra se manter e às vezes não dá.” (linha 339-341).

Ao dizer *você* ele espera que aquela situação seja avaliada com ele, justificando sua proposição inicial: “um momento, ruim que a gente sente lá é isso

de querer, de querer é é ter um um emprego até até na roça mesmo” (linhas 326-328) com uma causalidade adequada àquela situação: “ter uma coisa assim pra:: situação financeira pra gente sobreviver lá mas só que não não dá pra sobreviver, /.../” (329-331). Nas linhas 326-328, podemos observar como Seu Francisco se alinha agentivamente em relação ao seu trabalho em sua terra. Com as expressões “às vezes” e “pensa” (linha 339), ele me faz entender a imprevisibilidade de seu trabalho na roça.

Veremos, na próxima seção, como meu entrevistado constrói sua identidade em relação ao seu trabalho na roça, uma característica cultural passada de pai para filho.

5.2.2

Trabalho com o pai

No segmento 6, mudo o enquadre de nossa conversa e tento despertar em Seu Francisco mais uma narrativa com a pergunta: “como era o se como me me conta aí uma coisa:: um momento bom que o senhor lembra de ter tido lá, seja ele qual for.” (linhas 75-77). Porém, ele volta a falar do seu trabalho, contando que tinha começado a trabalhar muito cedo e tinha o pai à sua frente. Vamos ver a sua resposta.

Segmento 6

respirava daquilo que eu tava fazendo

- | | | |
|------|-----------|---|
| → 75 | Rosania | como era o se como me me conta aí uma coisa:: um |
| → 76 | | momento <u>bom</u> que o senhor lembra de ter tido lá, |
| → 77 | | seja ele qual for. |
| → 78 | Francisco | olha um momento bom que eu... até hoje eu não |
| → 79 | | esqueço é:: quando eu fui:: assim de garoto fui me |
| → 80 | | me entendendo assim já do que... tinha meus |
| → 81 | | doze anos assim daí foi chegando meus, quinze |
| → 82 | | anos eu tinha aquele interesse assim <u>mais</u> do que |
| → 83 | | nunca era trabalhar assim fazer todas as plantações |
| → 84 | | assim... assim:: pra ter minhas coisas eu mesmo |
| → 85 | | fazendo as plantações e vender, entendeu? |
| → 86 | | minha vida. mas o meu pai era ali sempre a gente |
| → 87 | | tudo que fosse pra trabalhar... se seguindo ele |
| → 88 | | e ele é que tomava conta de tudo, entendeu? aí.... |
| → 89 | | quando eu me achei assim de... deixar assim meu |
| → 90 | | pai e... e me senti que eu já tava com com |

- 91 por minha conta já tava de maior de idade fui agir a
 → 92 minha vida lá trabalhando por minha conta mesmo
 → 93 foi aquela coisa que eu me senti assim outro
 → 94 achando assim que aquilo, foi a a eu trabalhava mas
 → 95 me sem- respirava daquilo que eu tava fazendo,
 → 96 °entendeu° ? isso já na idade de seus dezessete
 → 97 dezoito anos
 98 Rosania era iniciativa tu sua.
 99 Francisco é

Entrevista 2

Ele começa com uma orientação se posicionando agentivamente, a partir do seu grande interesse em ter sua autonomia: “olha um momento bom que eu... até hoje eu não esqueço é:: quando eu fui:: assim de garoto fui me me entendendo assim já do que... tinha meus doze anos assim daí foi chegando meus, quinze anos eu tinha aquele interesse assim mais do que nunca era trabalhar assim fazer todas as plantações assim... assim:: pra ter minhas coisas eu mesmo fazendo as plantações e vender, entendeu?” (linhas 78-85). Seu melhor momento em sua terra natal foi quando conseguiu sua independência para trabalhar por sua conta.

Seu Francisco faz uma avaliação sobre o papel de seu pai em sua história de vida e me faz conhecer uma outra experiência a respeito de seu trabalho. Enquanto avalia a sua dependência no trabalho com o pai, ele constrói mais um aspecto de sua identidade: “/.../ mas o meu pai era ali sempre a gente tudo que fosse pra trabalhar... se seguindo ele e ele é que tomava conta de tudo, entendeu?” (linhas 86-88).

Seu Francisco constrói um *self* agentivo que parte do seu interesse à ação. Podemos verificar esse seu posicionamento sinalizado na intensificação do tom de voz aplicado ao marcador discursivo *mais* quando se refere a *trabalhar*. Ele revela seu grande desejo de trabalhar por iniciativa própria, construindo uma identidade de nordestino trabalhador que busca a ação.

Em sua terra, onde suas origens são base sócio-cultural na construção de sua identidade, Seu Francisco constrói-se um homem que lutava e agia para ter o seu trabalho na busca de autonomia: “/.../aí... quando eu me achei assim de... deixar assim meu pai e... e me senti que eu já tava com com por minha conta já tava de maior de idade fui agir a minha vida lá trabalhando por minha conta mesmo/.../” (linhas 88-92).

Mais uma vez, ele emprega o marcador *aí* como pista de contextualização para uma seqüência de eventos coerentes que explicasse qual foi o seu bom momento em sua terra. Ele seguira o seu pai dos doze aos dezoito anos; quando atingiu a maior idade, ele pôde trabalhar por sua conta e se sentir independente.

Continuando sua avaliação, Seu Francisco me faz entender que seu trabalho e sua autonomia eram tão importantes como sua vida: “/.../respirava daquilo que eu tava fazendo, °entendeu°?/.../” (linhas 95-96).

Estávamos construindo uma interação que transformava nossa entrevista em uma conversa cada vez mais informal e Seu Francisco se sente à vontade para me falar de um mundo próprio compartilhado emocionalmente comigo. Ele constrói sua emoção através de suas palavras. Segundo a corrente sócio construcionista das emoções, as pessoas constroem suas emoções, que são respostas às interpretações e entendimentos de experiências prévias (Lupton, 1998).

Seu Francisco significa seu trabalho na roça e alinha-se emocionalmente pelo significado da importância da *vida* atribuído ao ato de *respirar*. Podemos acompanhar seu processo avaliativo que entende o trabalho como o ar que respirava: Seu Francisco não ganhava dinheiro; sem dinheiro, não comprava comida; sem comida, não tinha vida; sem vida, não respirava.

Bamberg (1997) diz que o propósito discursivo das emoções está relacionado a como um mundo está sendo construído em face ao modo de como a interação do narrador e ouvinte está sendo desenvolvida. Seu Francisco queria que eu sentisse como foi importante aquele momento para ele, por isso, avalia emocionalmente com uma comparação que me fizesse entender que sua vida era seu trabalho.

Com as poucas palavras das linhas 95-96, Seu Francisco significa que seu trabalho era o que lhe sustentava financeiramente, era o que lhe dava vida, era o que lhe dava autonomia. Segundo Gumperz ([1982] 2002), todos nós possuímos um conhecimento de mundo compartilhado que nos faz economizar palavras inferenciadas na interação.

Seu Francisco identifica-se socialmente como um homem que constrói e alcança autonomia em sua terra de origem ao construir uma identidade individual sustentada por suas raízes e práticas grupais.

A seguir, veremos como Seu Francisco se posiciona em relação a seu trabalho em momentos marcantes de sua vida, quando ele chega no Rio de Janeiro.

5.2.3

Trabalho no Rio de Janeiro

Na primeira entrevista, quero conhecer os momentos marcantes na vida de Seu Francisco no Rio de Janeiro. Por isso, veremos, no segmento 7, como eu co-construo sua história de vida com a minha pergunta: “seu francisco é:: eu queria que o senhor me contasse resumidamente um um bom momento que o senhor teve aqui. um bom momento e um mal momento.” (linhas 77-80). Ele responde com mais uma avaliação em relação a seu trabalho no Rio de Janeiro. Começa pelo bom momento, avaliando-se satisfeito com seu trabalho (linhas 81-84). Vamos analisar o segmento 7.

Segmento 7

ter meu emprego com a vida saúde trabalhando

- | | | |
|------|-----------|---|
| → 77 | Rosania | entendi. e e e seu francisco é:: eu queria que o senhor |
| → 78 | | me contasse resumidamente um bom momento |
| → 79 | | que o senhor teve aqui. um bom momento e um mal |
| → 80 | | momento. |
| → 81 | Francisco | eu... um bom momento... é:: eu acabei de falar agora |
| → 82 | | um bom momento que eu me acho assim que pra |
| | mim | |
| → 83 | | ta to satisfeito é ter meu emprego com a vida saúde |
| → 84 | | trabalhando ter meu emprego [esse é] |
| → 85 | Rosania | [certo] |
| 86 | Francisco | o que mais eu:: considero são os melhores momentos |
| 87 | | que eu me achei e considero então os (melhores de |

Entrevista 1

Sua resposta mostra que nós dois possuíamos expectativas diferentes em relação a “bons momentos”. Ele não precisava fazer uma outra narrativa. Seu bom momento era um momento contínuo, um estado de vida, uma opção pelo trabalho, e isso ele já havia me contado. Minha experiência próxima de “bons momentos” estava bem distante da dele.

Eu, então, passo para o “mau momento” e pergunto: “e e o senhor teve algum mau momento aqui, quando você veio pra cá? (linhas 89-90). Agora ele

responde com um sumário construído em uma avaliação: “tive tive porque:: nesses três meses que eu trabalhei na obra, eu me sentia assim parece que eu tivesse:: desculpe da expressão, assim tivesse vindo assim me encaixotaram e me jogaram aqui eu sem ter conhecimento nenhum” (linhas 91-95). Podemos ver como Seu Francisco muda seu alinhamento em relação à sua vinda para o Rio de Janeiro. Ele avalia sua experiência de trabalho na obra, seu primeiro trabalho no Rio de Janeiro, como seu pior momento na cidade para qual ele migrara, diferentemente de sua avaliação no segmento 7 (linhas 81-84), em que ele sentia-se satisfeito a ponto de considerar seu trabalho o bom momento de sua vida. Vamos analisar o segmento 8.

Segmento 8

chegar aqui achar tudo assim

- | | | | |
|---|-----|-----------|--|
| → | 89 | Rosania | e e o senhor teve algum mau momento aqui, quando |
| → | 90 | | você veio pra cá? |
| → | 91 | Francisco | tive tive porque:: nesses três meses que eu trabalhei na |
| → | 92 | | obra, eu me sentia assim parece que eu tivesse:: |
| → | 93 | | desculpe da expressão, assim tivesse vindo assim me |
| → | 94 | | encaixotaram e me jogaram aqui eu sem ter |
| → | 95 | | conhecimento nenhum, |
| → | 96 | Rosania | ahã |
| → | 97 | Francisco | só com meu colega que me trouxe, né? |
| → | 98 | | e eu me sentia assim sem ter... um conhecimento uma |
| → | 99 | | pessoa assim... que tivesse assim |
| → | 100 | | uma:: uma coisa assim d'eu ter... um espaço assim |
| → | 101 | | aberto assim na minha mente, né? d'eu ter deixado o |
| → | 102 | | conhecimento que eu já tinha do do donde eu vim da |
| → | 103 | | da da minha roça e chegar aqui achar tudo assim... aí |
| → | 104 | | fui trabalhar na obra e comecei... cabeça naquilo tudo |
| → | 105 | | aí começava a trabalhar mas CHOrando. |

Entrevista 1

Eu esperava que Seu Francisco respondesse a minha pergunta com uma narrativa sobre algum acontecimento vivido no Rio de Janeiro. No entanto, ele não corresponde à minha expectativa e começa a sua resposta falando do momento em que deixara sua terra.

O fator trabalho passa a ser um mau momento em sua vida no enquadre em que conversa comigo. A sua ida para o Rio de Janeiro não foi a realização de um sonho, como eu havia pensado. Na verdade, ele tinha assimilado idéias

“encaixotadas” sobre uma vida melhor na cidade grande. Tinha deixado a autonomia que alcançara em seu trabalho na roça por uma crença em que havia sido obrigado a acreditar. Mais uma vez, ele afasta sua agência e responsabilidade por sua saída.

A partir da decisão de deixar sua terra, Seu Francisco começa a se construir mais passivamente em sua narrativa. Suas avaliações despontam mais uma vez quando sinaliza como se sentia preso naquela situação sem possibilidade de volta, num percurso escuro, como se estivesse dentro de uma caixa fechada. Ele constrói a identidade de um homem jogado como um objeto de nenhum uso e que, por isso, nada significava para as outras pessoas: “/.../ eu me sentia assim parece que eu tivesse:: desculpe da expressão, assim tivesse vindo assim me encaixotaram e me jogaram aqui eu sem ter conhecimento nenhum,” (linhas 92-95).

Através da expressão “*me encaixotaram*” (linhas 93-94), Seu Francisco sinaliza seu sentimento em relação à sua ida para o Rio de Janeiro: não tinha deixado sua terra por vontade própria. Ao completar sua avaliação: “/.../ e me jogaram aqui eu sem ter conhecimento nenhum,” (linhas 94-95) ele infere que sair da roça não tinha sido escolha sua; trabalhar em uma obra também não tinha sido escolha sua; estar em um lugar completamente estranho, no qual interagir é mais difícil por não conhecer ninguém, também não tinha sido escolha sua.

O emprego na obra não tinha sido escolha sua e era um trabalho frio, onde não se tem contato com famílias. Sua tristeza é sinalizada com a expressão “eu me sentia assim” (linha 98) e um alinhamento marcado por pistas para-lingüísticas como a ênfase na primeira sílaba da palavra “CHOrando” (linha 105) e o próprio significado emocional da palavra, que leva a pressuposições contextuais: sentia-se muito triste no momento em que chegara no Rio de Janeiro. Aquela situação era tão ruim, que ao descrevê-la com a expressão “*me encaixotaram*”, ele me pede desculpas por ter que usá-la: “/.../ desculpe da expressão /.../” (linha 93). A palavra *encaixotado* trazia uma avaliação negativa, mas sente-se obrigado a usá-la à medida em que ele negociava a interpretação de sua história e compartilhava comigo suas emoções. Era como se fosse uma expressão ofensiva, e por isso me pede desculpas.

Podemos perceber que suas emoções transparecem em seu discurso emotivo. Como afirma Lutz (1985 *apud* Lupton, 1998), Seu Francisco usa sua

emoção como um julgamento construído culturalmente. Suas expectativas sócio-culturais em relação ao Rio de Janeiro não eram correspondidas ao que lhe foi contado quando estava na roça. Seu Francisco faz crescer sua avaliação naquele momento num processo de coerência emocional nos dando pistas de seu alinhamento. Sua ida para o Rio de Janeiro tinha sido um processo de desapontamento em uma situação que sequer havia escolhido.

Ele lamentava e chorava por ter deixado sua terra, sua roça, por não ter usado sua mente para pensar e refletir antes de sair: “/.../ cabeça naquilo tudo aí começava a trabalhar mas CHOrando. /.../” (linhas 104-105).

Ao deixar o “conhecimento” da sua roça, Seu Francisco também deixara uma identidade que era construída nas relações que tinha lá de onde veio. Em sua roça, ele era Seu Francisco que as pessoas conheciam. No entanto, ao chegar aqui, ele encontra uma cultura bem diferente do que estava acostumado. Ele avalia: “/.../chegar aqui achar tudo assim.../.../” (linha 103).

É interessante salientar, que segundo a pesquisa de Fernando Cordeiro Barbosa (2005) sobre migrantes nordestinos no Rio de Janeiro, a cidade dispõe de ocupações que têm uma boa relação com a mão de obra nordestina. Entre elas encontra-se a de trabalhadores de construção civil e a de porteiro de prédios. Seu Francisco enfrenta, primeiramente, a de trabalhador de construção civil, mas não se sente inserido naquela situação de trabalho.

Fernando Barbosa (2005) explica que, a princípio, os nordestinos não têm muita opção de escolha em sua carreira profissional. A emergência econômica determina a natureza das opções. Assim, o migrante fica impelido a usar suas habilidades para a execução de tarefas que não fazem parte de seu espaço social de referência. Seu Francisco, no entanto, não consegue manter-se naquele espaço da obra.

Veremos que Seu Francisco, em meio a ação complicadora, avalia seu sentimento naquela situação: “/.../ e eu me sentia assim sem ter... um conhecimento uma pessoa assim.../.../” (linha 68). Acompanharemos, no segmento 9, como Seu Francisco sentia-se sozinho, sem pertencer a algum grupo com o qual pudesse se identificar.

Segmento 9***mas aquilo eu tava chorando por DENTro***

- 97 Francisco só com meu colega que me trouxe, né?
 → 98 e eu me sentia assim sem ter... um conhecimento uma
 → 99 pessoa assim... que tivesse assim
 → 100 uma:: uma coisa assim d'eu ter... um espaço assim
 → 101 aberto assim na minha mente, né? d'eu ter deixado o
 → 102 conhecimento que eu já tinha do do donde eu vim da
 → 103 da da minha roça e chegar aqui achar tudo assim... aí
 → 104 fui trabalhar na obra e comecei... cabeça naquilo tudo
 → 105 aí começava a trabalhar mas CHOrando.
 → 106 Rosania hum hum
 → 107 Francisco às vezes assim quando:: não dava demonstração mas
 → 108 aquilo eu tava chorando por DENTro porque aquilo
 pra
 → 109 mim aquilo não tava me sentindo bem. aí:: foi o caso
 → 110 que até:: fiquei doente e () piorando assim pra mim
 → 111 naqueles três meses... aí um colega que já trabalhava
 → 112 aqui de porteiro que foi e me indicou que tava
 → 113 precisando de de funcionário aqui (tinha) vaga

Entrevista 1

Podemos observar que Seu Francisco demonstra que se sentia tão pequeno quanto sua mente, incapaz de lhe abrir espaço para entender o que estava acontecendo. Começava a entender a situação em que se encontrava naquele momento da interação. Frequentemente as emoções são usadas para racionalizar pensamentos e ações. Sua emoção emerge a partir do entendimento, sentimento e comportamento associados à lógica da situação (cf. Lupton, 1998) em que Seu Francisco se encontrava em sua chegada no Rio de Janeiro: “/.../ às vezes assim quando:: não dava demonstração mas aquilo eu tava chorando por DENTro porque aquilo pra mim aquilo não tava me sentindo bem./.../” (linhas 107-109).

Ele sinaliza sua tristeza com pistas lexicais e para-lingüísticas. É interessante observar como ele intensifica o tom de voz na primeira sílaba da palavra *CHOrando* (linha 72) e *DENTro* (linha 74) e usa a expressão “*não tava me sentindo bem*”. Podemos verificar que Seu Francisco posiciona seu *self* emocionalmente em suas pausas e na repetição de marcadores discursivos como *aí*, que me preparam para a causalidade adequada àquela situação, negociando comigo a coerência de sua avaliação. Seu Francisco constrói a identidade de um homem que se sentia só e abandonado em uma situação sócio-cultural que ele

ainda não tinha tido tempo de assimilar; uma identidade que estava em conflito com uma outra que tinha que construir naquela situação.

O pior momento que Seu Francisco teve no Rio de Janeiro foi o da mudança sócio-cultural. Não havia refletido sobre a situação que poderia ter aqui. Em seu estudo, Rúa (2003) revela que o migrante sente-se muito mais motivado em deixar seu espaço, já que as razões para sair são muito maiores do que os fatores de atração para a cidade grande, que, na verdade, não teriam força suficiente para tirar as pessoas de suas famílias e seu meio social. Seu Francisco foi mais um migrante obrigado a fazer opções levado pelo jogo de poder, que cria crenças culturais e reprime a livre escolha.

Não mais em seu espaço sócio-cultural, Seu Francisco sentia-se completamente passivo; nada mais podia fazer a não ser sofrer. Sua emoção é usada para dar significado e explicar a sua vida (cf. Lupton, 1998): “/.../ aí:: foi o caso que até:: fiquei doente e () piorando assim pra mim naqueles três meses...” (linhas 109-111). Seus piores momentos foram aqueles três meses.

Mesmo sofrendo, longe de seu meio cultural, não abre mão de seus valores cultuados a partir de sua infância no nordeste. Embora estivesse sofrendo, não demonstrava, não chorava na frente das pessoas: “às vezes assim quando:: não dava demonstração /.../” (linha 107). No entanto, sua identidade era construída a partir de sua emoção: “/.../ mas aquilo eu tava chorando por DENTro /.../” (linhas 107-108). Emoções que precisava esconder para não perder sua identidade de nordestino, conhecido como “cabra macho”, que não chora e supera todos os sofrimentos em meio às lutas.

Com menos de três meses que estava no Rio de Janeiro, Seu Francisco confessa seu desejo de abandonar tudo, diante da situação estranha que estava vivendo. Vamos ver o segmento 10.

Segmento 10

você quer ir embora agora voltar comigo pra Paraíba

- 120 Francisco >e nesse mesmo tempo que eu tava aqui do três meses
- 121 tivesse condições de chegar uma outra pessoa “você
- 122 quer ir embora agora voltar comigo pra paraíba
- agora”
- 123 eu digo é agora mesmo eu voltava.<

Se alguém o chamasse para voltar para a Paraíba, naquele momento, ele aceitaria rapidamente, sem perder tempo; processo completamente oposto à sua decisão de ir, o qual ele precisou ouvir muitos conselhos dos amigos para deixar sua terra. Seu Francisco cria uma possível resolução para sua narrativa usando a fala do “outro” (linhas 121-122), sinalizando seu posicionamento mais passivo. A realização de seu desejo estava vinculada à agência de uma “outra” pessoa.

Através do ritmo apressado de suas palavras, ele expressa sua emoção ao me contar esse momento. Essa mudança restringe as minhas interpretações, quando ressalta certos aspectos do nosso conhecimento prévio e diminui a importância de outros: deixar sua terra natal não era mais importante do que o desejo de voltar.

Sua fala rápida na voz do “outro” demonstra sua total insatisfação, arrependimento e ansiedade sinalizados numa mudança de enquadre, que ajuda na organização do sentido que dava àquela situação. Seu Francisco descreve uma situação hipotética: a pressuposição de que ele teria acabado com seu sofrimento muito mais rapidamente de sair daquela situação, completamente estranha e dolorosa, se tivesse tido a coragem de voltar atrás. A maneira como ele avalia aquela situação oferece um processo de subjuntivação (cf. Schiffrin, 1996), em que ele revela pressuposições e negocia comigo outras perspectivas. Seu Francisco usa a fala do “outro” porque era muito difícil para ele ser o autor de suas decisões. Ele avalia aquele momento através de outra pessoa que seria a força propulsora para por fim àquele sofrimento.

Seu Francisco projeta seu *self*, naquele momento, sem forças suficientes para tomar outro passo a partir de suas próprias reflexões. A pergunta que ele esperava ter ouvido era uma maneira de acordá-lo para a realidade que vivia naqueles três meses: “/.../ ‘você quer ir embora agora voltar comigo pra Paraíba agora’ /.../” (linhas 121-122).

No segmento 11 encontramos a resolução da narrativa de Seu Francisco. Ele conta que um colega o havia chamado para trabalhar como porteiro no prédio em que ele trabalha até hoje, conseguindo tirá-lo daquela situação: “/.../ aí um colega que já trabalhava aqui de porteiro que foi e me indicou que tava precisando de de funcionário aqui (tinha) vaga.” (linhas 111-113). Vamos analisar o segmento 11.

Segmento 11***aí um colega que já trabalhava aqui de porteiro que foi e me indicou***

- 107 Francisco às vezes assim quando:: não dava demonstração mas
 → 108 aquilo eu tava chorando por DENTro porque aquilo
 pra
 → 109 mim aquilo não tava me sentindo bem. aí:: foi o caso
 → 110 que até:: fiquei doente e () piorando assim pra mim
 → 111 naqueles três meses... aí um colega que já trabalhava
 → 112 aqui de porteiro que foi e me indicou que tava
 → 113 precisando de de funcionário aqui (tinha) vaga
 → 114 Rosania colega seu [de lá?]
 → 115 Francisco [foi foi]
 → 116 Rosania ele que chamou o senhor também pra vir.
 → 117 Francisco isso. aí eu ()pra trabalhar e to aqui até hoje. o mal
 → 118 momento que eu tive foi esse.

Entrevista 1

Seu Francisco precisava fazer parte de uma rede social no Rio de Janeiro. Um emprego num prédio tem mais características familiares do que numa obra. Podemos observar o fato de ter sido seu colega que o inseriu nessa outra ocupação. Em minha interação com Seu Francisco, eu ainda co-sustento esse enquadre: “colega seu [de lá?]” (linha 114) e: “ele que chamou o senhor também pra vir.” (linha 116). Seu Francisco ratifica: “[foi foi]” (linha 115) e “isso /.../” (linha 117).

É importante retomar aqui a explicação de Fernando Barbosa (2005) que diz que a construção de rede social é a forma usada pelos migrantes nordestinos para obter emprego. Segundo Barbosa (2005), o grupo familiar, de parentesco e de amizade são os responsáveis pela integração do migrante na vida social urbana. Seu Francisco havia sido integrado em um mundo sócio-cultural novo por um colega que o salvou daquele primeiro trabalho completamente estranho a ele.

Com a coda: “/.../ e to aqui até hoje. o mau momento que eu tive foi esse” (linhas 117-118), Seu Francisco volta ao momento em que está conversando comigo e sustenta sua atual situação de porteiro de prédio no Rio de Janeiro.

No segmento 12, encontramos uma explicação em que Seu Francisco tenta justificar porque não tinha continuado seus estudos. Veremos que ele faz outra avaliação a respeito de seu trabalho. Parece que a nossa conversa faz com que pense em sua situação como trabalhador que não pode perder o emprego.

Segmento 12

“*não não é tempo perdido não você procure ta em tempo*”

- 275 Rosania aqui no rio o senhor não estudou
 → 276 [não estudou] mais?
 → 277 Francisco [não aí eu vim] não procurei foi só
 → 278 me envolvi no trabalho também :: o tempo foi
 → 279 passando rápido quando eu me, achei
 → 280 eu já:: por exemplo hoje mesmo tenho cinqüenta a
 → 281 cinqüenta anos e eu acho que pra mim já não tem
 → 282 mais chance porque já me acho assim a idade já tem
 → 283 mais essa preocupação toda é filho é o cansaço do
 → 284 trabalho quando eu chego em casa aí eu não me
 → 285 interesse. e já teve gente de me chegar pra mim e
 → 286 diz “não não é tempo perdido não você procure
 → 287 ta em tempo”.
 288 Rosania é verdade
 289 Francisco hum
 290 Rosania eu tenho sua idade... to estudando agora... hhh
 291 Francisco e eu to por aqui até hoje ()
 292 Rosania o senhor só ta precisando de de estímulo né,
 293 [seu francisco.]
 → 294 Francisco [eu vou dizer pra senhora] que eu não tenho letra
 → 295 assim de chegar eu não tenho grau praticamente de
 → 296 nada de to aqui porque foi o que o tempo que me
 → 297 deu isso que eu to aqui, né?
 298 Rosania ahã
 299 Francisco com vinte e oito anos de de serviço aqui, de
 300 conhecimento no prédio, só assino meu nome e se-
 301 escrevo aí uma coisinha muito: assim. e:: não tenho
 302 muita leitura não, a até pro pro meu trabalho hoje
 303 que tudo ta mudando ta tudo moderno hoje.
 304 Rosania é::
 → 305 Francisco ta tudo é () por escrito assim mesmo até já
 → 306 conversa comigo, que que ta mudando vai mudar
 → 307 porque tem que botar () depois e eu sinto assim
 → 308 que aquilo eu até fico assustado que eu vou perder
 → 309 o meu trabalho por eu não ter um grau direito,
 → 310 >°entendeu?°<

Entrevista 2

Quando faço um enquadre de estudo, Seu Francisco muda para trabalho outra vez. Ele não demonstra determinação ou ambição, deixando que o tempo decida a sua situação. A causalidade de seu trabalho tinha sido a casualidade do tempo. Seu Francisco não tinha escolhido sua profissão, nem atribuía ao seu próprio esforço o trabalho que mantinha até aquele momento: “/.../ to aqui porque

foi o que o tempo que me deu isso que eu to aqui, né?” (linhas 296-297), construindo uma agência limitada.

Seu Francisco entende o fator **tempo** como o responsável pelas oportunidades que aparecem em sua vida. Para estudar não havia mais tempo para ele: “/.../ foi só me envolvi no trabalho também :: o tempo foi passando rápido quando eu me, achei eu já:: por exemplo hoje mesmo tenho cinqüenta a cinqüenta anos e eu acho que pra mim já não tem mais chance porque já me acho assim a idade já /.../” (linhas 277-282).

Mas, Seu Francisco parece continuar em seu processo de avaliação enquanto conversa comigo que o leva a uma mudança de alinhamento, sinalizada por mais uma avaliação. Ele entende que há tempo para tudo na vida, mas faz essa avaliação através da fala do “outro”: “/.../ e já teve gente de me chegar pra mim e diz ‘não não é tempo perdido não você procure ta em tempo.’” (linhas 285-287). Eu, então, faço duas co-sustentações desse alinhamento: “é verdade” (linha 288); “eu tenho sua idade... to estudando agora...” (linha 290); e ainda me envolvo pessoalmente, co-sustentando esse alinhamento: “o senhor só ta precisando de de estímulo né, [seu francisco?]” (linha 292-293). Ele, no entanto, volta ao seu alinhamento de que só tinha tempo para o trabalho: “/.../ foi só me envolvi no trabalho também :: /.../” (linhas 277-278) e que o tempo era o responsável pelas oportunidades de sua vida: “/.../ o tempo foi passando rápido quando eu me, achei eu já:: /.../” (linhas 278-280).

Tempo, idade e oportunidade entravam num processo de coerência que o ajudavam a entender a sua situação no momento: Sua idade “avançada” não lhe permitia estudar. Quando o tema da conversa passa a ser mudança, ele precisa do “outro” para refletir e se alinhar: “/.../ ta tudo é () por escrito assim mesmo até já conversa comigo, que que ta mudando vai mudar porque tem que botar /.../” (linhas 305-307). Parecia começar a entender que o fato de não ter estudado ameaçava seu emprego e isso o assustava: “/.../ depois e eu sinto assim que aquilo eu até fico assustado que eu vou perder o meu trabalho por eu não ter um grau direito, >°entendeu?°<”. (linhas 307-310).

Podemos notar que, nas linhas 307 a 310, Seu Francisco constrói-se emocionalmente inseguro com a expressão *eu sinto* enfatizada por uma entonação mais forte, quando começa a refletir sobre sua situação de trabalho em um mundo que está em constante mudança. Seu Francisco conclui seu pensamento tentando

me fazer entender: “/.../ >°entendeu?°<” (linha 310), mas parece que essa pergunta ele faz a ele mesmo, como um processo de coerência em que ele mesmo precisava acreditar.

Quando pergunto a Seu Francisco, na segunda entrevista, se ele estava bem no momento, segmento 13, na linha 538, ele responde afirmativamente, mas com uma preocupação para o futuro. Nossa conversa já havia evoluído bastante e com ela suas reflexões. Ele se posiciona como um homem que começa a acordar para a realidade avaliando melhor sua situação, porém, através da fala do “outro”. Seu Francisco fala como sua esposa o alertava sobre sua situação de trabalho. Poderemos observar no segmento 13 como essa situação de entrevista faz o entrevistado pensar sobre as experiências dele (cf. Rice e Ezzy, 2001), levando-o a algumas conclusões.

Segmento 13

caramba to com cinqüenta anos

- 538 Rosania mas o senhor agora ta... no momento ta bem, né?
 → 539 Francisco to bem [graças a deus]
 → 540 Rosania [hoje agora] o senhor ta bem hhh
 → 541 Francisco to eu to bem, graças a deus to °bem°. eu me
 → 542 preocupo eu fico quando se- eu tomo um susto
 → 543 quando a:: aí eu to trabalhando ali que a patroa até
 → 544 chegou dizer assim “oh ce toma jeito porque a coisa
 → 545 vai mudar pode ter dez anos de casa pode ter
 → 546 cinqüenta anos porque se não trabalhar não tem jeito
 → 547 vai pra rua mesmo” porque e aí isso me
 → 548 assusta pela idade que eu tenho hoje caramba to
 → 549 com cinqüenta anos, aí vou arrumar outro serviço
 → 550 dependendo do que se for a sorte, acostumado aqui
 → 551 pertinho de casa eu eu há vinte e oito anos não saio
 → 552 de casa vou em casa almoço e volto... e:: é uma
 → 553 rotina assim que eu já to acostumado esses anos,
 → 554 né?

Entrevista 2

Seu Francisco responde que está bem, e logo em seguida sinaliza a sua reflexão com “caramba” (linha 548) como o momento de seu entendimento sobre a sua real situação, que o conduz para o ponto da virada, em uma possível mudança em sua vida.

Mishler (2002) explica que o *ponto da virada* é o momento em que o entrevistado relata um evento que modifica sua compreensão sobre experiências passadas. Esse evento lhe abre direções de movimento inesperado, que em suas visões anteriores do passado não podiam ser vistas e o leva a um senso de si próprio diferente, gerando mudanças que podem trazer conseqüências para a maneira como ele se sentia e para as coisas que fazia. No momento em que está conversando comigo, Seu Francisco vê o seu trabalho no Rio de Janeiro imprevisível e inseguro, da mesma maneira que ele avaliou seu trabalho na roça. Parece perceber que seria difícil encontrar outro emprego na idade que tinha.

Parece que Seu Francisco acha cômodo e vantajoso trabalhar perto de casa, como fazia na roça. Ele sinaliza sua passividade com a expressão “/.../ se for a sorte /.../” (linha 550) e usa o marcador discursivo “aí” para conduzir à coerência de sua reflexão: “/.../ aí vou arrumar outro serviço dependendo do que se for a sorte, acostumado aqui pertinho de casa eu eu há vinte e oito anos não saio de casa vou em casa almoço e volto... e:: é uma rotina assim que eu já to acostumado esses anos, né?” (linhas 549-552). Trabalhar perto de casa era uma rotina que lhe trazia benefícios e, por isso, nesse momento de avaliação, ele pensa que seria difícil ter outro emprego como esse.

Cabe aqui salientar que, em sua pesquisa, Fernando Barbosa (2005) explica que o migrante nordestino trabalhador de edifício articula casa e trabalho como uma maneira de economizar em seu orçamento. Assim, ele se afasta dos custos inerentes à moradia e ao transporte entre a casa e o trabalho. Ao mesmo tempo, o migrante economiza tempo e energia, que são cobrados em pontualidade e maior dedicação ao trabalho no prédio. A resposta de Seu Francisco parece encaixar-se nessa idéia. O fato dele estar trabalhando no mesmo prédio há 28 anos demonstra que ele faz um bom trabalho em sua função.

Na seção a seguir, veremos como Seu Francisco constrói-se em relação à sua família e amigos na terra de origem e no Rio de Janeiro.

5.3

Família e amigos

5.3.1

Na terra de origem

Na primeira entrevista, logo após a resposta de Seu Francisco à minha pergunta sobre a realização de seus sonhos no Rio de Janeiro, segmento 1, faço uma outra pergunta não planejada, que contribui para que ele continue a contar sua história de vida. Família, base de referencial de identidade, é um fator importante socialmente, por isso, eu co-construo com Seu Francisco a história de quando ele tinha voltado à sua terra para rever a família alguns anos depois que estava no Rio de Janeiro, e pergunto: “e como foi quando você chegou lá pra visitar a a família?” (segmento 14, linhas 23-24). Iremos ver, em sua resposta, que ele não mostrava interesse em voltar para visitar sua família. Diz ter achado tudo diferente quando esteve em sua terra depois de dois anos. Vamos analisar como ele se constrói em relação à sua família na roça.

Segmento 14

ah eu achei todo mundo assim diferente

- | | | |
|------|-----------|---|
| → 23 | Rosania | e como foi quando você chegou lá pra visitar a a |
| → 24 | | família? |
| → 25 | Francisco | ah eu achei todo mundo assim diferente dos poucos |
| → 26 | | anos que eu :: voltei eu, eu me habituei de de ter mais |
| → 27 | | assim aquela vontade assim de chegar lá e querer |
| | | ficar |
| → 28 | | lá não. eh a senti que o:: que a convivência aqui era |
| → 29 | | bem melhor [né?] aí foi () até hoje aqui trabalhando |
| → 30 | | e:: não tenho assim mais aquela:: interesse de querer |
| → 31 | | voltar pra lá assim pra morar não. tinha vontade de |
| | | ir |
| → 32 | | assim só a passeio mas mesmo a gente vai com o |
| → 33 | | correr dos com a família aí vai apertando não tem |
| → 34 | | como voltar assim pelo que a gente... não sei o o |
| | | assim |
| → 35 | | uma renda que:: possa ir com a família, aí a gente vai |
| → 36 | | passando o tempo por aqui mesmo. |

Seu Francisco tinha vindo para o Rio de Janeiro e depois de algum tempo voltara para visitar sua terra natal, porém, avalia esse processo mostrando que sua vontade de voltar, com o passar do tempo, não era mais a mesma. Ele lutava com uma identidade sócio-cultural que construía no Rio de Janeiro e, talvez por isso, tenha achado tudo diferente em sua terra. Interpretando por outro ângulo, podemos entender que era ele quem sentia-se diferente por construir uma nova identidade em outro espaço sócio-cultural. Assim como todos nós assumimos papéis variados em nossas relações, ele passa a conviver com outras pessoas no Rio de Janeiro e a re-construir sua identidade nessas relações.

Ele me prepara para a surpresa que ele mesmo teve quando chegou lá: para ele, todos estavam diferentes. Seu Francisco faz um novo enquadre sobre família e usa o marcador discursivo *ah* como pista de contextualização, negociando comigo a sua resposta, para que não houvesse conflito em nossas expectativas: “ah eu achei todo mundo assim diferente /.../” (linha 25).

Segundo suas pesquisas, Maura Penna (1998) diz que o migrante é um indivíduo que está em busca de novas oportunidades de trabalho quando deixa sua terra. Quando ele retorna, levando consigo suas novas vivências, o modo de vida e as práticas culturais anteriores não são mais os mesmos, ganham nova significação à medida que se confrontam com novas experiências.

Continuando em nossa interação, tento despertar em Seu Francisco mais uma narrativa e mudo o enquadre de nossa conversa para outros momentos que não fossem de trabalho. No entanto, ele retoma o enquadre trabalho com outro alinhamento. Ele tinha começado a trabalhar muito cedo e tinha o pai à sua frente. Seu Francisco ressalta o papel do pai em sua trajetória de trabalho e avalia que sua autonomia no trabalho tinha sido um momento bom em sua história de vida. Vamos analisar o segmento 15.

Segmento 15

mas o meu pai era ali sempre a gente tudo que fosse pra trabalhar... se seguindo ele

- 75 Rosania como era o se como me me conta aí uma coisa:: um
- 76 momento bom que o senhor lembra de ter tido lá,
- 77 seja ele qual for.
- 78 Francisco olha um momento bom que eu... até hoje eu não

- 79 esqueço é:: quando eu fui:: assim de garoto fui me
 → 80 me entendendo assim já do que... tinha meus
 → 81 doze anos assim daí foi chegando meus, quinze
 → 82 anos eu tinha aquele interesse assim mais do que
 → 83 nunca era trabalhar assim fazer todas as plantações
 → 84 assim... assim:: pra ter minhas coisas eu mesmo
 → 85 fazendo as plantações e vender, entendeu? entendeu
 → 86 minha vida. mas o meu pai era ali sempre a gente
 → 87 tudo que fosse pra trabalhar... se seguindo ele
 → 88 e ele é que tomava conta de tudo, entendeu? aí...
 → 89 quando eu me achei assim de... deixar assim meu
 → 90 pai e... e me senti que eu já tava com com
 → 91 por minha conta já tava de maior de idade fui agir a
 → 92 minha vida lá trabalhando por minha conta mesmo
 → 93 foi aquela coisa que eu me senti assim outro
 → 94 achando assim que aquilo, foi a a eu trabalhava mas
 → 95 me sem- respirava daquilo que eu tava fazendo,
- 96 °entendeu° ? isso já na idade de seus dezessete
 → 97 dezoito anos

Entrevista 2

Através de uma longa crônica, ele faz uma avaliação sobre o papel de seu pai em sua história de vida. Linde (1993) explica que quando o narrador precisa completar uma informação relevante para o entendimento de sua história, ele usa uma crônica. Assim, Seu Francisco revela um outro ponto em sua história de trabalho, que não tem relação com a sua decisão de ir para o Rio de Janeiro. Ele me faz conhecer uma outra experiência a respeito de sua vida enquanto avalia a sua dependência no trabalho com o pai, construindo assim, mais um aspecto de sua identidade. “/.../ mas o meu pai era ali sempre a gente tudo que fosse pra trabalhar... se seguindo ele e ele é que tomava conta de tudo, entendeu? /.../” (linha 86-88).

O momento de sua autonomia foi quando deixou de ser conduzido por seu pai: “/.../ fui agir a minha vida lá /.../” (linha 72), mas ainda se encontrava em seu meio cultural, sustentado por sua família. Ele sinaliza com “**lá**” que em sua terra tinha sido agentivo, porém, dentro de seus padrões culturais de família. Enquanto seu pai lhe conduzia, também lhe ensinava, “lá”, na roça. Ele tinha sido preparado e conduzido por seu pai, e, por isso, ao completar a maior idade, tinha condições de agir sua vida a partir de suas próprias decisões. Ao mesmo tempo, entendo que, de acordo com Linde (1993), muitas das nossas “próprias” decisões são

determinadas sócio-culturalmente sem que possamos nos dar conta disso. Muitas profissões são escolhidas através dos passos profissionais precedentes dos pais, para dar continuidade ao “clã” familiar. Parece que o mesmo acontecia na família de Seu Francisco. Na verdade, ele delineava uma identidade de homem do campo agenciada pelo pai. Seu trabalho na roça era coerentemente explicado por sua experiência a partir de sua infância com o pai. O momento bom de Seu Francisco tinha sido uma etapa muito significativa para ele: seu momento de autonomia em sua história de vida, com a qual seu pai muito tinha contribuído.

No segmento 16, veremos como Seu Francisco refere-se à sua família no nordeste sem muitos comentários. Diz apenas ter oito irmãos do primeiro casamento de seu pai e cinco do segundo. Em uma narrativa, Seu Francisco fala que seu pai e sua mãe não estão mais vivos e que não existe mais comunicação entre ele e seus irmãos, nos fazendo entender que essa família está fragmentada: “é:: cada um tem a sua vida assim sei lá é um pra lá outro pra cá /.../” (linhas 190-191).

Segmento 16

coisa assim de família

- 180 Rosania com o:: senhor tem quantos irmãos?
 181 Francisco olha... da primeira família eh... tenho oito irmãos
 182 comigo são nove criou são nove
 183 Rosania hum hum
 184 Francisco da segunda que meu pai casou duas vezes tem tem
 185 cinco
 186 Rosania nossa hhhh to ta todo mundo lá?
 187 Francisco e hoje eu não tenho nem pai nem mãe que até esse
 188 pai que eu to falando já faleceu,
 189 Rosania ahã
 → 190 Francisco é:: cada um tem a sua vida assim sei lá é um pra lá
 → 191 outro pra cá quase não não tem assim comunicação
 → 192 de escrever pra::
 → 193 Rosania eles estão lá só o senhor e
 → 194 [a sua irmã que estão aqui?]
 → 195 Francisco [aqui no rio] aqui no rio só tem eu aqui
 → 196 e então sobrinho porque essa irmã que veio que
 → 197 estava com ela aqui fa- faleceu também
 198 Rosania ah é? então só ta o senhor e os sobrinhos filhos
 199 dela?
 200 Francisco e os sobrinhos ta:: nesses, foi criado aí por esses
 201 man- a gente chama mangue nesses mangues aí do
 202 que é:: era como chamava piabetá sei lá.
 203 Rosania [ahã]

- 204 Francisco [aí] e depois se mudaram pra esse:: tal de gramacho
 205 aí depois de caxias gramacho, né?
 206 Rosania ahã
 → 207 Francisco aí eu fui umas vezes lá visitar e:: daí a a frente
 → 208 depois da perda da minha irmã... ele não me
 → 209 procurou também o cunhado já ficou todo
 → 210 assim já parece que não ligou muito pra ter aquelas
 → 211 visitas me procurando ↑>e aquilo eu fui me
 → 212 sentindo com isso.<
 → 213 Rosania hum::
 → 214 Francisco coisa assim de família aí eu acabei:: não procurando
 → 215 mais, aí depois já com com uns sete pra oito anos
 → 216 que eu não vejo não sei como é que ta a vida deles

 → 217 nem meus sobrinhos não sei como é que ta hoje
 → 218 estão tudo casados tudo tem filhos também ()

Entrevista 2

Podemos notar, no entanto, que Seu Francisco tinha tentado manter os laços de família em um momento que ele precisava também manter o sentimento de pertencimento a suas raízes: “aí eu fui umas vezes lá visitar /.../” (linha 207)

Ele sente a fragmentação de sua família do nordeste no Rio de Janeiro. Os laços que pretende preservar parecem estar se desmanchando com o passar do tempo, e ele sente-se emocionalmente abalado: “aí eu fui umas vezes lá visitar aí daí a frente depois da perda da minha irmã... ele não me procurou também o cunhado já ficou todo minha irmã... ele não me procurou também o cunhado já ficou todo assim já parece que não ligou muito pra ter aquelas visitas me procurando↑>e aquilo eu fui me sentindo com isso.<” (linhas 207-212).

Estavam todos espalhados pelo Rio de Janeiro e, depois que sua irmã faleceu, o cunhado não o procurara mais. Seu Francisco avalia essa situação ao posicionar-se emocionalmente abalado, através da expressão “*eu fui me sentindo com isso*” (linhas 211-212), falada numa entonação mais rápida. Seu Francisco sinaliza uma mudança de alinhamento através da avaliação, que marca a fragmentação de sua rede social familiar. Tinha tentado resgatar as raízes que deixara na sua terra de origem, mas por causa do afastamento do cunhado e sobrinhos, tomava outra posição.

Seu Francisco avaliava sua situação naquele momento em que se constrói como ainda pertencente a seus laços de família do nordeste, que não estavam correspondendo às suas expectativas. Ele avalia a indiferença do cunhado e o

afastamento dos que estavam aqui como uma característica de família. Seu Francisco procura entender aquela situação como um processo comum, para que ele pudesse entender seus relacionamentos. Tenta dar coerência àquela situação usando o senso comum como causalidade adequada: “coisa assim de família /.../” (linha 214). Seu Francisco baseia-se no senso comum que “toda família tem problemas”, construindo-se integrante de uma família com características comuns a todas as famílias de um modo geral. Ele constrói-se agentivo na busca de preservação de seus laços de família.

Na segunda entrevista, segmento 17, quero saber de Seu Francisco como ele se posicionava em relação a amigos em sua terra. Podemos observar, em sua resposta, que ele tem dificuldades de interpretar o sentido de “amigo”. Primeiramente responde com uma negativa e, logo em seguida, com uma explicação, fazendo tentativas para encontrar uma resposta que fosse coerente à minha pergunta: “ /.../ e lá, o senhor tinha amigos?” (segmento 17, linha 243, entrevista 2).

Segmento 17

aí era meus amigos era aqueles assim

- 243 Rosania ahã que bom. e lá, o senhor tinha amigos?
- 244 não lá:: quer dizer tinha assim aquelas infâncias
- 245 assim de criação assim com vizinho, assim vizinhos
- 246 assim aquelas coisas mas, é:: tudo quando era
- 247 assim mais assim garoto assim criança da
- 248 adolescente esse esse colegozinho conforme eu
- 249 lhe falei assim estudando dentro de casa,
- 250 mesmo aí eles vinham pra sala de meu pai estudar.
- 251 aí era meus amigos era aqueles assim,
- 252 >°entendeu?°<

Entrevista 2

Em seu processo de entendimento, ele começa considerando os vizinhos, mas re-interpreta a partir de sua infância, e, na busca de coerência que correspondesse às minhas expectativas, avalia seus colegas do colegozinho como “amigos”: “/.../ aí era meus amigos era aqueles assim, /.../” (linha 251). Parece que o momento em que se relacionava com os colegas era justamente na casa de seu pai, durante as aulas. Podemos observar que Seu Francisco se posiciona como alguém que vivia mais em família do que entre amigos.

5.3.2

No Rio de Janeiro

Na primeira entrevista, Seu Francisco fala de seu trabalho no Rio de Janeiro como uma grande família. Como vimos no segmento 16, Seu Francisco havia começado sua vida de trabalho com o pai e mantivera-se com ele até a maior idade. Família e trabalho estavam intimamente ligados em suas relações na roça. Talvez, por isso, estes dois fatores eram tão interligados para construção de sua identidade. Ao avaliar seu trabalho como uma família, Seu Francisco constrói sua identidade social: “/.../ e e aí é uma família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho entendeu? /.../” segmento 8, linha 40, entrevista 1).

Segmento 18

aí é uma família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho entendeu?

- | | | |
|------|-----------|---|
| → 37 | Rosania | entendi. o seu vitor e o senhor realizou algum sonho aqui, no rio? |
| → 38 | | |
| → 39 | Francisco | sim eu realizei muito do que eu agradeço muito pelo que... já:: me sinto aqui trabalhando e e aí é uma família enorme que eu tenho aqui no meu trabalho entendeu eu me sinto isso. entendeu? aí é:: não é que teja abandonado a família mas pelos anos que eu conheço aqui é o meu, trabalho enfim as pessoa gostam de mim mesmo eu sendo funcionário e eu... gosto muito daqui sabe... aí é:: não tem nem razão de:: |
| → 41 | | |
| → 42 | | |
| → 43 | | |
| → 44 | | |
| → 45 | | |
| → 46 | | |
| → 47 | | sabe eu me sinto assim que:: to em casa. apesar de já ter a minha casinha que é perto do trabalho, já foi uma |
| → 48 | | |
| → 49 | | coisa que eu consegui assim pelo:: destino em deus que é muito bom e:: foi quem já (deixando) uma família lá e outra [aqui.]... to satisfeito. |
| → 50 | | |
| → 51 | | |

Entrevista 1

Ao adaptar-se à sua nova situação de vida no Rio de Janeiro, Seu Francisco sinaliza já ter construído outra identidade. Aquele momento da entrevista o leva a mais uma reflexão e ele sente que tinha se afastado de suas raízes a ponto de parecer que ele tinha abandonado sua família da roça. No momento em que conversava comigo, ele se posiciona e avalia aquela situação com uma negativa: “/.../ aí é:: não é que teja abandonado a família /.../” (linhas

42-43). Mas completa sua avaliação, fazendo coerente que, embora tenha deixado uma família na roça, havia formado outra aqui, e por isso sentia-se satisfeito: “/.../ foi quem já (deixando) uma família lá e outra [aqui.]... to satisfeito.” (linha 50-51). Tinha sido recompensado com a oportunidade de trabalho que o fez se sentir em casa, além de encontrar-se no meio de uma outra família: “/.../ sinto assim que:: to em casa. apesar de já ter a minha casinha que é perto do trabalho, /.../” (linhas 47-48).

Enquanto na primeira entrevista ele dizia não ter mais vontade de visitar a família, na segunda entrevista, Seu Francisco muda o enquadre. Ele sentia a família de lá, que morava aqui, fragmentada, mas ainda pensava na preservação de sua família lá e sonhava com a união dos laços daqui com os laços de lá. Após fazer um rápido fechamento da entrevista, abro espaço para Seu Francisco finalizar com algo mais que lhe fosse interessante. Ele parece muito interessado em falar de sua vida no Rio de Janeiro e faz um enquadre diferente da primeira entrevista a respeito de família.

A família é tão importante que ele resume sua vida aqui no momento a partir dessa união entre as famílias que fizeram e fazem parte de sua busca de realizações. Seu Francisco aproveita o meu enquadre quando pergunto a ele: “/.../ o senhor tem alguma:: alguma coisa mais pra falar da sua vida aqui da sua vida lá?” (segmento 19, linhas 383-385) para avaliar sua situação e se posicionar emocionalmente insatisfeito.

No segmento 19, veremos seu posicionamento em relação às duas famílias, a que ele formou no Rio de Janeiro e a que está no nordeste.

Segmento 19

vou lá apresentar vocês a minha família

- | | | |
|-------|-----------|--|
| 380 | Rosania | to entendendo muito bem lhe agradeço muito muito |
| 381 | | muito e depois como eu lhe disse eu vou lhe dizer/ |
| 382 | | vou lhe mostrar meu trabalho e dizer o que foi que |
| 383 | | apareceu no meu trabalho pro senhor. ta? o senhor |
| 384 | | tem alguma:: alguma coisa mais pra <u>falar</u> da sua |
| 385 | | vida aqui da sua vida lá? |
| → 386 | Francisco | a vida aqui é o seguinte eu tinha uma:: assim uma |
| → 387 | | questão assim minha mesmo que eu gostaria, que |
| → 388 | | tivesse assim uma coisa de:: deu ter assim:: por |
| → 389 | | exemplo, to trabalhando aqui aí chegou minhas |
| → 390 | | férias, aí eu pegar minha família minha esposa |

- 391 meus dois filhos e dizer assim agora vamos dar um
- 392 passeio vou lá apresentar vocês a minha família às
- 393 minhas irmãs que eu tenho lá so sobrinho enfim os
- 394 parentes que eu tenho lá. aí não consigo.

Entrevista 2

Seu Francisco começa com um sumário: “a vida aqui é o seguinte /.../”, resumindo sua vida com mais avaliações em relação às suas expectativas de voltar ao nordeste. Ele vivia no Rio de Janeiro, mas não deixava de pensar em voltar à sua terra para integrar suas duas famílias: “/.../ eu tinha uma:: assim uma questão assim minha mesmo que eu gostaria, que tivesse assim uma coisa de:: deu ter assim:: por exemplo, to trabalhando aqui aí chegou minhas férias, aí eu pegar minha família minha esposa meus dois filhos e dizer assim agora vamos dar um passeio vou lá apresentar vocês a minha família às minhas irmãs que eu tenho lá so sobrinho enfim os parentes que eu tenho lá. aí não consigo.” (linhas 386-394).

Em sua narrativa, ele projeta para o futuro o que tinha vontade de fazer, em um processo que evolui passo a passo: trabalhar o ano todo; chegar as férias; pegar a família, esposa e filhos; comunicar-lhes que vão visitar a família da roça; e finaliza retornando ao tempo presente: “aí não consigo” (linha 394). Ao avaliar-se sem condições de realizar seu desejo, ele constrói uma agência limitada, sinalizando a impossibilidade de realizar esse desejo.

Seu enquadre da volta à sua terra com sua família, muda para o enquadre da sua atual situação no Rio de Janeiro. Os dois enquadres encontram-se interligados pelo marcador discursivo *aí*, pista de contextualização que contribui para a construção de entendimento de sua história de vida, de volta ao momento presente. Ele constrói-se insatisfeito por não poder realizar seu desejo.

Seu Francisco volta ao enquadre família no Rio de Janeiro no final de sua entrevista. Ele insiste em dizer que o número desses familiares aumentou, mas que estão todos perdidos pela cidade do Rio de Janeiro. Menciona que não tem contato com nenhum dos seus irmãos e que estava sozinho aqui. Poderemos ver, no segmento 20, como ele avalia sua família de lá como fragmentada, em uma crônica, com uma informação a mais em sua história de vida.

Segmento 20***eu tenho aqui ninguém só tem eu mesmo***

- 517 Francisco e a família que a senhora perguntou a mim ta aí é
 518 uma turma pra esses lados aí de caxias que é
 519 sobrinho sobrinho que já tem hoje até filho também
 520 que eu nem conheço, é outra turma pra são paulo
 521 que eu nem conheço também tem sobrinho sobrinho
 → 522 que eu nem conheço é tudo dividido assim... e eu
 → 523 aqui: considero assim de irmão aqui que eu tenho
 → 524 aqui ninguém só tem eu mesmo e:: esse cunhado
 → 525 com esse sobrinho que eu não sei nem por onde eu
 → 526 encontrar eles acho que estão aí
 → 527 perdidos por esse [()]
 → 528 Rosania [hhhh]
 → 529 Francisco >°entendeu?°<
 530 Rosania tudo pelo rio e por são paulo? hhhh
 531 Francisco é mas se juntar todos eles mesmo de família então
 532 tem uns deles que: que eu nem conheço e:: é uma
 533 quantidade enorme porque, são nove da família
 534 mais velha são nove com mais eh cin- cinco da
 535 segunda, né? família mais nova
 536 Rosania ahã
 → 537 Francisco °mas a vida é assim mesmo°

Entrevista 2

Seu Francisco avalia a fragmentação e o desatar dos laços de família: “/.../ é tudo dividido assim e eu aqui considero assim de irmão aqui que eu tenho aqui ninguém só tem eu mesmo e:: esse cunhado com esse sobrinho que eu não sei nem por onde eu encontrar eles acho que estão aí perdidos por esse [()] >°entendeu?°<” (linha 522-529).

Tinha tentado construir sua nova identidade a partir deles, mas sua subjetividade era efeito das significações que encontrava em suas novas práticas sociais e culturais, das quais essa sua família não mais fazia parte. Seu Francisco tenta fazer essa fragmentação coerente, ao atribuir ao senso comum que existem coisas na vida que não se tem o controle: “°mas a vida é assim mesmo°” (linha 537), construindo agência limitada.

Em sua primeira entrevista Seu Francisco fala muito pouco sobre sua esposa. No fim da segunda entrevista, parece que ele havia interagido bem comigo e, por isso, sentiu-se à vontade para falar sem ser conduzido por perguntas.

Dando continuidade à nossa conversa, veremos que Seu Francisco retoma o enquadre trabalho, com o alinhamento de que sua situação era insegura num

mundo de tantas mudanças. Podemos observar no segmento 21, como a esposa de Seu Francisco faz parte de sua base social para construção de identidade, quando ele faz uma avaliação na voz dela. Seu Francisco justifica sua preocupação com o trabalho no Rio de Janeiro em mais uma explicação.

Segmento 21

eu to satisfeito de dez anos pra cá

- 537 Francisco °mas a vida é assim mesmo°
 → 538 Rosania mas o senhor agora ta... no momento ta bem, né?
 → 539 Francisco to bem [graças a deus]
 → 540 Rosania [hoje agora] o senhor ta bem hhh
 → 541 Francisco to eu to bem, graças a deus to °bem°. eu me
 → 542 preocupo eu fico quando se- eu tomo um susto
 → 543 quando a:: aí eu to trabalhando ali que a patroa até
 → 544 chegou dizer assim “oh ce toma jeito porque a coisa
 → 545 vai mudar pode ter dez anos de casa pode ter
 → 546 cinquenta anos porque se não trabalhar não tem jeito
 → 547 vai pra rua mesmo” porque e aí isso me
 → 548 assusta pela idade que eu tenho hoje caramba to
 → 549 com cinquenta anos, aí vou arrumar outro serviço
 → 550 dependendo do que se for a sorte, acostumado aqui
 → 551 pertinho de casa eu eu há vinte e oito anos não saio
 → 552 de casa vou em casa almoço e volto... e:: é uma
 → 553 rotina assim que eu já to acostumado esses anos,
 → 554 né?
 555 Rosania então mas o senhor tem experiência aqui né seu
 556 francisco?
 557 Francisco tenho tenho sim
 558 Rosania então isso não é o problema, né?
 559 Francisco é::
 → 560 Rosania é bom a gente assim: procurar: melhorar pra gente
 → 561 mesmo, [né?]
 → 562 Francisco [pra convivência] de de de de de vida de essa
 → 563 esposa que eu tenho que que parece até uma coisa
 → 564 assim de se eu for falar agora vai até à noite.
 → 565 Rosania [hhh]
 → 566 Francisco [desde] o princípio de namoro a noivado a a depois
 → 567 de noivado que a gente se separou depois voltamos
 → 568 de novo aí casamos assim nessa jogada de de dessas
 → 569 guerra toda assim aí casamos, de depois ela me
 → 570 largou aí eu fiquei um ano separado dela ...depois
 → 571 voltamos de novo e estamos vivendo até hoje já vai
 → 572 pra fazer agora dez anos... que a gente estamos/
 → 573 voltamos a morar de novo, e: os filhos hoje vai
 → 574 fazer dez anos quer dizer a minha convivência hoje

- 575 de dizer que eu to satisfeito de dez anos pra cá
 → 576 porque o primeiro ano de casamento não deu certo.
 Entrevista 2

Ele declara sua preocupação com o trabalho: “/.../ eu me preocupo eu fico quando se- eu tomo um susto quando a:: aí eu to trabalhando ali /.../” (linhas 541-543) fazendo um contraste com a avaliação positiva construída anteriormente: “to eu to bem, graças a deus to °bem° /.../” (linha 541). Através da fala da esposa, ele justifica sua preocupação: “/.../que a patroa até chegou dizer assim ‘oh ce toma jeito porque a coisa vai mudar pode ter dez anos de casa pode ter cinquenta anos porque se não trabalhar não tem jeito vai pra rua mesmo’ /.../” (linhas 543-547). Logo em seguida, ele mesmo faz sua avaliação ao entender sua situação: “/.../ porque e aí isso me assusta pela idade que eu tenho hoje caramba to com cinquenta anos, aí vou arrumar outro serviço dependendo do que se for a sorte, acostumado aqui pertinho de casa eu eu há vinte e oito anos não saio de casa vou em casa almoço e volto... e:: é uma rotina assim que eu já to acostumado esses anos, né?” (linhas 547-554). Entende que precisava manter seu trabalho e sua situação num mundo de tantas inseguranças, mas avalia pela voz da esposa, construindo-se mais passivamente.

No desenrolar de nossa conversa, Seu Francisco integra o enquadre “*trabalho*” ao enquadre “*convivência*” com o alinhamento “*convivência com a esposa*”. Ele aproveita o meu enquadre “melhorar”: “é bom a gente assim: procurar: melhorar pra gente mesmo, [né?]” (linhas 560-561) e alinha-se de uma outra maneira: *seu relacionamento com sua esposa*, ainda antes que eu termine minha fala: “[pra convivência] de de de de de vida dessa esposa que eu tenho que que parece até uma coisa assim de se eu for falar agora vai até hhhhh à noite” (linhas 562-564).

Seu Francisco faz uma pequena narrativa sobre o seu relacionamento com sua esposa desde que a conheceu, passando pelo namoro, noivado e casamento, das linhas 566-575. Confessa que se sentia satisfeito com sua vida no Rio de Janeiro somente a partir dos últimos dez anos, justamente o tempo em que estava vivendo bem com sua esposa: “dizer que eu to satisfeito de dez anos pra cá porque o primeiro ano de casamento não deu certo.” (linhas 575-576).

Após compartilhar comigo mais um detalhe importante de sua vida, Seu Francisco faz um sumário com mais uma avaliação: “/.../ e:: foi assim °a vida°. então isso tudo foi uma rotina /.../” (linhas 578-579). No segmento 22, vamos ver como Seu Francisco avalia seu relacionamento com sua esposa.

Segmento 22

assim agradeço °a deus hoje to bem é hoje° , >°entendeu°?<

- 578 Francisco ela foi até embora foi pra casa da mãe... e:: foi
- 579 assim °a vida°. então isso tudo foi uma rotina assim
- 580 de que... desde a minha criação da roça e da minha
- 581 convivência e dos meus trabalhos e e vim tentar a
- 582 vida aqui ne nessa eh eh história toda é que eu hoje
- 583 é que eu digo assim agradeço °a deus hoje to bem é
- 584 hoje° , >°entendeu°?< já tenho meus dois filhos, ela
- 585 ta sossegada, ta a gente vivendo enfim hoje que eu
- 586 to vivendo é hoje [de dez anos] pra cá.

Entrevista 2

Ele dá seqüência à sua narrativa:“/.../ assim de que desde a minha criação na roça e da minha convivência e dos meus trabalhos e vim tentar a vida aqui ne nessa história toda é que hoje é que hoje é que eu digo assim agradeço a deus hoje to bem é hoje já tenho meus dois filhos ela ta sossegada ta a gente vivendo /.../” (linhas 579-585).

Seu Francisco refere-se à sua educação desde a infância na roça, dos relacionamentos que tivera lá, do seu trabalho, da sua ida para o Rio de Janeiro, etapas de sua história que já havia me contado na ordem de importância que surgiam. Desse modo, ele organiza a ação complicadora.

A resolução dessa outra narrativa possui um ponto a mais: no momento, ele tinha seus dois filhos e estava vivendo com a esposa, porém, agora, ela estava sossegada.

Seu Francisco reflete, avalia e finaliza com a coda: “/.../ enfim hoje que eu to vivendo é hoje dez anos pra cá.” (linhas 585-586).

Parece que Seu Francisco dependia da convivência com sua esposa para significar sua vida no Rio de Janeiro. Durante a entrevista, ele avalia-se várias vezes como satisfeito, mas, na verdade, havia sido um processo longo, de pelo menos dez anos, para ele construir essa nova identidade de homem realizado, com trabalho e família.

Após Seu Francisco falar sobre sua família da roça que se encontrava no Rio de Janeiro, faço uma mudança de enquadre: “e aqui quais são seus amigos? (linha 221). Parece que eu e ele temos expectativas diferentes em relação ao que é “amigo”. Nosso conhecimento prévio é diferente, porque possuímos experiências diferentes. Como meu informante, Seu Francisco procura responder a minha pergunta a partir de sua “experiência próxima”, ou seja, a partir do que ele entende como “amigo”, através de suas práticas culturais compartilhadas pelo seu grupo no Rio de Janeiro. Seu Francisco demora a responder enquanto tenta significar para ele o que era “amigo”. Vamos observar o segmento 23.

Segmento 23

mas amigo mesmo aqui...

- 221 Rosania e aqui quais são seus amigos?
- 222 Francisco olha, sinceramente eu:: ((suspiro))
- 223 Rosania hum hum hum
- 224 Francisco eu quase digamos assim que... eu tenho assim::
- 225 vizinhos essas coisas assim que eu considero que
- 226 sempre tem um pra ser mais amigo assim, e:: a
- 227 gente assim conhece as pessoas que a gente tem que
- 228 pode considerar amigo, e aqui parceiro de serviço a
- 229 gente tem mas amigo mesmo aqui... o amigo que eu
- 230 tenho hoje aqui mesmo no prédio que eu
- 231 considero que eu posso, escolher assim que eu, eu
- 232 tenho uma meia dúzia aqui que eu considero

- 233 ser patrão também porque o patrão não é só

- 234 o síndico não é só a síndica,

- 235 Rosania [hum hum]
- 236 Francisco [os outros] moradores também eu considero patrão
- 237 a mesma coisa.
- 238 Rosania [hum hum]
- 239 Francisco e é:: patrão e meu amigo, >°entendeu?°<
- 240 Rosania o senhor tem uma pessoa?

- 241 Francisco é aqui no prédio
- 242 aconselha também muitas coisas ()

Entrevista 2

A princípio, após refletir sobre o significado de “amigo”, ele é obrigado a assumir que não conseguia encontrar alguém para qualificar como tal: “olha,

sinceramente eu: ((suspiro))” (linha 222). Seu Francisco sinaliza esse seu alinhamento com a expressão “sinceramente” finalizada com um suspiro.

Mais adiante ele “quase” consegue encontrar uma resposta para satisfazer minhas expectativas: “/.../ eu quase digamos assim que... eu tenho assim:: vizinhos essas coisas assim que eu considero /.../” (linhas 224-225).

Ele aproxima o significado de “vizinho” para “amigo”, porque era sua convivência de prática diária, mas re-avalia que vizinhos podem ser amigos, uns mais do que os outros: “/.../ que sempre tem um pra ser mais amigo /.../” (linhas 225-226).

Continuando sua reflexão, Seu Francisco pensa em quais pessoas ele conhecia que podia considerar amigo: os colegas de serviço, o síndico e a síndica: “/.../ assim, e:: a gente assim conhece as pessoas que a gente tem que pode considerar amigo, e aqui parceiro de serviço a gente tem mas amigo mesmo aqui... o amigo que eu tenho hoje aqui mesmo no prédio que eu considero que eu posso, escolher assim que eu, eu tenho uma meia dúzia aqui que eu considero ser patrão também porque o patrão não é só o síndico não é só a síndica,” (linhas 226-234), incluindo os moradores do prédio, que ele considera serem patrões também: “[os outros] moradores também eu considero patrão a mesma coisa.” (linhas 236-237).

Faz-se relevante salientar que, Fernando Barbosa (2005), em seus estudos com migrantes trabalhadores de edifício no Rio de Janeiro, explica que o porteiro, na verdade, tem todos os moradores do prédio como “patrões”, já que ele serve a todos eles, de maneira bem diferente, de acordo com as peculiaridades sociais de cada família.

Seu Francisco continua tentando encontrar alguém que pudesse considerar amigo e no fim desse processo ele acaba encontrando alguém que possa dar coerência ao status de “amigo”: “e é:: patrão e meu amigo, , >°entendeu?°<” (linha 239). Finalmente, tenta dar mais coerência à sua escolha de “amigo” e sustenta seu alinhamento: “aconselha também muitas coisas ()” (linha 242).

Em sua “experiência próxima”, Seu Francisco entende que “amigo” é a pessoa que dá conselhos. Ou seja, ele sinaliza que podia considerar um morador do prédio como um “amigo” porque além de trabalhar para essa pessoa, ele também recebia conselhos. Podemos observar que Seu Francisco se constrói como alguém que não havia pensado em ter amigos em uma cidade onde seus

relacionamentos estavam limitados aos seus “patrões”, moradores e síndicos do prédio, posicionando-se como o empregado. Seu único amigo, o jardineiro que o havia ajudado a construir uma casa nos fundos do quintal dele, teria falecido (Entrevista 1, linhas 134 a 136; entrevista 2, linhas 502-504).

Seu Francisco não corresponde à minha expectativa em minha “experiência distante”, aquela que eu havia desenvolvido através dos meus valores culturais, os quais me ensinaram que todos têm amigos.

Na primeira entrevista, Seu Francisco fala de como conheceu sua esposa na casa do amigo, que era tio dela e que tinha dado a ele um espaço nos fundos de sua casa para construir uma casinha. Na segunda entrevista, que veremos no segmento 24, através de uma crônica, ele reconta a mesma história e fala dos interesses dela. Seu Francisco me faz entender que seu interesse pela sua esposa havia sido coerente, pois ela também era trabalhadora. Quando a conheceu, ela dava aula para crianças na casa do tio.

Segmento 24

ia ensinando ganhando os trocadinhos dela

- 500 Francisco quando eu comecei assim no princípio assim de
- 501 namoro com ela ela ja morava:: nessa: casa que: é é
- 502 do que é do tio dela que esse tio dela foi quem
- 503 me deu esse reforço d’eu fazer uma casa no quintal
- 504 dele, então, é ela quando eu conheci ela ela dava
- 505 aula ela chegava assim arrumava meia dúzia
- 506 de criança a dez tinha dia de semana assim tinha até
- 507 uns oito dez crianças tudo de, assim com uns cinco
- 508 anos seis anos foi começando assim sete anos... da
- 509 idade dos meus hoje aí ela dava aula na na na casa
- 510 do tio mesmo botava lá uma mesinha lá e ia
- 511 ensinando ganhando os trocadinhos dela. isso foi de
- 512 início quando eu comecei conheci ela. ela. foi ela
- 513 tinha esses interesses assim.

Entrevista 2

Seu Francisco fala da esposa com certo orgulho e admiração pelo fato dela ter sido sempre trabalhadora: “/.../ na casa do tio mesmo botava lá uma mesinha lá e ia ensinando ganhando os trocadinhos dela. isso foi de início quando eu conheci ela ela tinha esses interesses assim.” (linha 509-513). Ele constrói para a esposa a identidade que já havia construído para ele, no segmento 4, linhas 64 a 74,

seu desejo de voltar à sua terra de origem e à sua permanência no Rio de Janeiro até hoje.

5.4

As tentativas de retorno e as razões de permanência

Após dois anos morando no Rio de Janeiro, Seu Francisco volta à sua terra de origem para visitar. Diz que achou tudo diferente e avalia esse processo mostrando que sua vontade de voltar, com o passar do tempo, não era mais a mesma. Ao confrontar-se com as novas experiências de vida no Rio de Janeiro, Seu Francisco passa a dar novos significados ao seu modo de vida e práticas culturais e sociais.

No segmento 26, em uma explicação, Seu Francisco justifica o fato de não ter mais vontade de voltar à sua terra. Diz que havia se habituado com a convivência e seu trabalho no Rio de Janeiro. Seu Francisco é ensinado a controlar suas vontades de acordo com as pessoas e o momento em que vive, e, por isso, ele acaba perdendo a vontade de voltar para sua terra.

Segmento 26

tinha vontade de ir assim só a passeio

- | | | |
|------|-----------|---|
| → 23 | Rosania | e como foi quando você chegou lá pra visitar a a |
| → 24 | | família? |
| → 25 | Francisco | ah eu achei todo mundo assim diferente dos poucos |
| → 26 | | anos que eu :: voltei eu, eu me habituei de de ter mais |
| → 27 | | assim aquela vontade assim de chegar lá e querer |
| | | ficar |
| → 28 | | lá não. eh a senti que o:: que a convivência aqui era |
| → 29 | | bem melhor [né?] aí foi () até hoje aqui trabalhando |
| → 30 | | e:: não tenho assim mais aquela:: interesse de querer |
| → 31 | | voltar pra lá assim pra morar não. tinha vontade de |
| | | ir |
| → 32 | | assim só a passeio mas mesmo a gente vai com o |
| → 33 | | correr dos com a família aí vai apertando não tem |
| → 34 | | como voltar assim pelo que a gente... não sei o o |
| | | assim |
| → 35 | | uma renda que:: possa ir com a família, aí a gente vai |
| → 36 | | passando o tempo por aqui mesmo. |

Entrevista 1

Ele passa a entender sua vida como uma situação “comum” e a posicionar-se como mais uma pessoa “comum” numa cidade “comum” (cf. Sacks, 1984). Suas palavras revelam um self passivo de uma pessoa “comum”: “/.../ eu me habituei de de ter mais assim aquela vontade assim de chegar lá e querer ficar lá não /.../” (linhas 26-28).

Seu Francisco ressalta a baixa condição financeira também como um fator que o impossibilita de voltar à sua terra com a família que havia formado no Rio de Janeiro: “/.../ a gente... não sei o o assim uma renda que:: possa ir com a família /.../” (linhas 34-35).

Na segunda entrevista, à medida que Seu Francisco foi ganhando espaço para uma maior interação em nossa conversa, ele retoma o seu turno sem esperar que o meu termine. Ele não demonstra vontade de terminar a nossa conversa, pelo contrário, volta a enquadrar que, provavelmente, eram importantes para sua história de vida, como a volta à sua terra. Vamos ver o segmento 27.

Segmento 27

mudou tudo né?

- | | | |
|-------|-----------|--|
| 600 | Rosania | ah que bom seu francisco. bom, mais uma vez eu |
| 601 | | lhe agradeço bastante mas então |
| 602 | | acho que [()] |
| → 603 | Francisco | [agora da roça] <u>mesmo</u> eu não sei |
| → 604 | | como é que está hoje porque:: há há vinte e oito |
| → 605 | | anos que eu não conheço... como é que mudou tudo |
| → 606 | | como é que quais são as, as coisas de roça lá po... |
| → 607 | Rosania | há quanto tempo o senhor não vai lá? |
| → 608 | Francisco | há vinte e seis anos |
| → 609 | Rosania | vinte e seis anos né? [hum hum] |
| → 610 | Francisco | [acho que até] o caminho |
| → 611 | | pra:: sair daqui sozinho eu eu não sei nem se eu vou |
| → 612 | | acertar. |
| → 613 | Rosania | hhh |
| → 614 | Francisco | [mudou tudo né?] |
| → 615 | Rosania | [acerta] |
| → 616 | Francisco | mudou tudo lá |
| → 617 | Rosania | o senhor vai chegar lá o senhor vai chegar lá de |
| → 618 | | qualquer maneira nem se preocupe com isso hhh |
| → 619 | Francisco | aí eu vejo assim aquele o o o aquele o programa dos |
| → 620 | | domingos assim à tarde... é o programa é do gugu, |
| → 621 | | né? aí eu fico assistindo eles passam aquela coisa |
| → 622 | | assim que ele ajuda muito, aí...ele faz as passagens |
| → 623 | | daquela daquele pessoal assim () daqueles |
| → 624 | | cearenses enfim tudo essa turma que não tem |

- 625 condições de de voltar pra pra terra deles, aí eu
 → 626 fico olhando assim, aí eu↑me emociono que eu eu
 → 627 fico assistindo o programa e, dá até vontade de
 → 628 chorar. muitas horas assim que eu fico () aí fico
 → 629 com aquela recordação assim de que é, a vida
 → 630 conforme eu já: foi a minha criação e os anos que
 → 631 passou e eu não fui lá mais, aí planejo de ir na hora
 → 632 não fui enfim aí isso tudo a gente... relembra isso
 → 633 tudo, né? aí eu acho muito bonito aque- aquilo que
 → 634 ele faz
 635 Rosania o programa, né?
 636 Francisco é do programa dele
 → 637 Rosania quem sabe o senhor não vai lá pelo gugu?... teria
 → 638 que escrever pra lá, né?
 → 639 Francisco é isso é
 → 640 Rosania ou quem sabe o senhor não vai lá mesmo juntando
 → 641 um dinheirinho?
 642 Francisco com certeza, né?
 643 Rosania não é?
 644 Francisco isso tudo a::
 645 Rosania aí quando o senhor for lá e voltar aí eu vou gravar
 646 de novo hhhh o senhor vai ter muita coisa pra me
 647 [contar hhh]
 → 648 Francisco [isso tudo é:] é: o momento que a
 → 649 gente:: é só querer, né? fazer por onde também.
 → 650 Rosania é exatamente se programar né? “eu quero isso
 → 651 programar vou fazer isso juntar todo mês vou botar
 → 652 um dinheirinho e tal [pra eu ir], né?”
 → 653 Francisco [isso]

Entrevista 2

Ao retomar seu turno (linha 603), ele fala das dificuldades de voltar, mas demonstra uma grande vontade de visitar o lugar e a família de lá. Seu Francisco usa a expressão *mesmo* com um tom de voz mais alto, para sinalizar que estava voltando para o enquadre “roça”: “[agora da roça] mesmo /.../” (linha 603).

A princípio, Seu Francisco não parece tão motivado a voltar para sua terra porque sabia que tudo havia mudado. Ele mesmo sentia que estranharia os que estivessem lá, assim como os de lá o estranhariam: “mudou tudo né?” (linha 614).

Por outro lado, sinaliza seu interesse em voltar quando me orienta para a importância que ele dava em saber como a “roça” tinha mudado: “/.../ eu não sei como é que está hoje porque:: há há vinte e oito anos que eu não conheço... como é que mudou tudo /.../” (linhas 603-605)

Eu alinho-me com ele e o estímulo em seu processo de avaliação: “vinte e seis anos né? [hum hum]” (linha 609).

Seu Francisco responde a esse processo com uma pista de seu posicionamento mais passivo, quando ele declara que precisava de um “outro”, de uma outra pessoa, para chegar até a sua terra natal: “[acho que até] o caminho pra:: sair daqui sozinho eu eu não sei nem se eu vou acertar” (linhas 610-612). Mas eu co-alinho-me com ele no enquadre “voltar para roça”, e ao mesmo tempo, num processo de interação em que eu participo com ele de suas dúvidas e ansiedades, eu mudo o alinhamento de “difícil voltar para roça” para “vai chegar lá de qualquer maneira”: “o senhor vai chegar lá o senhor vai chegar lá de qualquer maneira /.../” (linhas 617-618). O enquadre “vai chegar lá de qualquer maneira” desencadeia uma narrativa. Ele fala de um programa de televisão que leva migrantes nordestinos de volta para suas cidades e que mexe com ele emocionalmente. O programa faz com que ele tenha recordações de sua infância, de sua vida lá, e, por isso, ele se sente triste por não poder voltar. No segmento 28 veremos como ele trabalha suas emoções em seu alinhamento.

Segmento 28

ai fico com aquela recordação

- 619 Francisco ai eu vejo assim aquele o o o aquele o programa dos
- 620 domingos assim à tarde... é o programa é do gugu,
- 621 né? ai eu fico assistindo eles passam aquela coisa
- 622 assim que ele ajuda muito, ai...ele faz as passagens
- 623 daquela daquele pessoal assim () daqueles
- 624 cearenses enfim tudo essa turma que não tem
- 625 condições de de voltar pra pra terra deles, ai eu
- 626 fico olhando assim, ai eu↑me emociono que eu eu
- 627 fico assistindo o programa e, dá até vontade de
- 628 chorar. muitas horas assim que eu fico () ai fico
- 629 com aquela recordação assim de que é, a vida
- 630 conforme eu já: foi a minha criação e os anos que
- 631 passou e eu não fui lá mais, ai planejo de ir na hora
- 632 não fui enfim ai isso tudo a gente... relembra isso
- 633 tudo, né? ai eu acho muito bonito aque- aquilo que
- 634 ele faz.

Entrevista 2

Seu Francisco faz uma orientação a respeito do que vai narrar: “ai eu vejo assim aquele o o o aquele o programa dos domingos assim à tarde... é o programa

é do gugu, né? /.../” (linhas 619-621). A seguir ele começa a ação complicadora: “/.../ aí eu fico assistindo eles passam aquela coisa assim que ele ajuda muito, aí...ele faz as passagens daquela daquele pessoal assim () daqueles cearenses enfim tudo essa turma que não tem condições de de voltar pra pra terra deles, aí eu fico olhando assim, aí eu↑me emociono que eu eu fico assistindo o programa e, dá até vontade de chorar. muitas horas assim que eu fico () aí fico com aquela recordação assim de que é, a vida conforme eu já: foi a minha criação e os anos que passou e eu não fui lá mais, aí planejo de ir na hora não fui /.../” (linhas 621-632).

Ele se emociona ao ver um programa de televisão que promove viagens para pessoas que estão fora de suas terras. “aí eu ↑me emociono que eu eu fico assistindo o programa e, /.../” (linhas 626-627). Seu Francisco faz sua emoção coerente sinalizando com o marcador discursivo *aí* que o programa trabalhava o enquadre “voltar para terra natal” e que isso o emocionava. Construindo sua emoção, ele encaixa avaliações: “ /.../ ele ajuda muito /...” (linha 622); “/.../ aí eu↑me emociono /.../” (linha 626); “/.../ dá até vontade de chorar.muitas horas assim /.../” (linha 628).

Como se passaram seis meses da primeira entrevista para a segunda, o relembrar de sua história de vida, motivado pelas minhas perguntas na primeira entrevista, podem ter despertado Seu Francisco para as suas raízes. Com a coda: “/.../ enfim aí isso tudo a gente... lembra isso tudo, né? aí eu acho muito bonito aque- aquilo que ele faz.” (linhas 632-634), ele se posiciona como um nordestino em busca de valores culturais que, na verdade, não mais persistiam, mas que um programa de televisão ressaltava e reavivava sua memória do passado em sua terra de origem.

Em nosso processo de interação, veremos, no segmento 29, que Seu Francisco chega a mais um ponto da virada (Mishler, 2002) quando entende que “querer” não era o suficiente para levá-lo para sua terra, que ele precisava ser mais agentivo: “/.../ que a gente:: é só querer, né? fazer por onde também.” (linhas 648-649, entrevista 2).

Segmento 29***fazer por onde também***

- 635 Rosania o programa, né?
 636 Francisco é do programa dele
 → 637 Rosania quem sabe o senhor não vai lá pelo gugu?... teria
 → 638 que escrever pra lá, né?
 → 639 Francisco é isso é
 → 640 Rosania ou quem sabe o senhor não vai lá mesmo juntando
 → 641 um dinheirinho?
 642 Francisco com certeza, né?
 643 Rosania não é?
 644 Francisco isso tudo a::
 645 Rosania aí quando o senhor for lá e voltar aí eu vou gravar
 646 de novo hhhh o senhor vai ter muita coisa pra me
 647 [contar hhh]
 → 648 Francisco [isso tudo é:] é: o momento que a
 → 649 gente:: é só querer, né? fazer por onde também.
 → 650 Rosania é exatamente se programar né? “eu quero isso
 → 651 programar vou fazer isso juntar todo mês vou botar
 → 652 um dinheirinho e tal [pra eu ir], né?”
 → 653 Francisco [isso]

Entrevista 2

Eu co-sustento seu alinhamento e completo sua reflexão: “é exatamente se programar né? ‘eu quero isso programar vou fazer isso juntar todo mês vou botar um dinheirinho e tal [pra eu ir]’, né?” (linhas 650-652). Porém, na minha tomada de turno, me responsabilizo por usar a fala de Seu Francisco como o autor daquele enquadre e faço que o “outro” seja ele mesmo.

Ao re-construir sua identidade numa nova situação social e cultural, vimos que, na primeira entrevista, Seu Francisco parece não reconhecer mais seus antigos traços culturais: “ah eu achei todo mundo assim diferente...eu me habituei dos poucos anos que eu:: voltei eu, eu me habituei /.../” (segmento 14, linhas 25-26, entrevista 1). Parece que se habituar foi o que lhe restou por estar em uma outra realidade sócio-cultural completamente diferente da sua de origem.

Na segunda entrevista, Seu Francisco demonstra mais vontade de voltar à sua terra. Comenta que há muito tempo vem planejando visitar a sua roça, mas que nunca sobra dinheiro para a viagem. No segmento 30, Seu Francisco faz mais uma avaliação a respeito de sua ida para Rio de Janeiro. Ele vivia lá, mas não deixava de pensar em sua terra natal.

Segmento 30

vou lá apresentar vocês a minha família

- 380 Rosania to entendendo muito bem lhe agradeço muito muito
 → 381 muito e depois como eu lhe disse eu vou lhe dizer/
 → 382 vou lhe mostrar meu trabalho e dizer o que foi que
 → 383 apareceu no meu trabalho pro senhor. ta? o senhor
 → 384 tem alguma:: alguma coisa mais pra falar da sua
 → 385 vida aqui da sua vida lá?
 → 386 Francisco a vida aqui é o seguinte eu tinha uma:: assim uma
 → 387 questão assim minha mesmo que eu gostaria, que
 → 388 tivesse assim uma coisa de:: deu ter assim:: por
 → 389 exemplo, to trabalhando aqui aí chegou minhas
 → 390 férias, aí eu pegar minha família minha esposa
 → 391 meus dois filhos e dizer assim agora vamos dar um
 → 392 passeio vou lá apresentar vocês a minha família às
 → 393 minhas irmãs que eu tenho lá so sobrinho enfim os
 → 394 parentes que eu tenho lá. aí não consigo.

Entrevista 2

Seu Francisco faz questão de levar sua esposa e filhos com ele para reforçar sua identidade de homem que havia constituído uma família. Assim, embora houvesse estranhamento das duas partes, ele se sentiria parte de uma comunidade, integrado a uma família, mesmo que não fosse a sua de origem: “/.../ aí eu pegar minha família minha esposa meus dois filhos e dizer assim agora vamos dar um passeio vou lá apresentar vocês a minha família às minhas irmãs que eu tenho lá /.../” (linha 390-393). De Fina (2003) diz que o *self* do indivíduo é visto primeiramente na concepção de uma comunidade ou família, por isso, para voltar à sua terra, Seu Francisco precisa estar com a família que tinha constituído no Rio de Janeiro. Embora faça planos de visitar sua família da roça, constrói uma agência limitada, por não conseguir realizar esse sonho.

A seguir, veremos como Seu Francisco se posiciona em relação a “sonhos realizados”.

5.5

Sonhos realizados

Como vimos no segmento 1, em sua primeira entrevista, Seu Francisco revela que seu sonho, quando morava no nordeste, era trabalhar na roça. No entanto, ele lamentava que não havia espaço suficiente para plantar, já que não

possuía terra para sua própria produção. Seu trabalho era, então, limitado e, por conseqüência, sua renda financeira também, por isso, não havia realizado seu sonho na roça.

No segmento 31, veremos a resposta de Seu Francisco quando volto ao enquadre “realização de sonhos”, mas com outro alinhamento: “/.../ o senhor tem mais:: algum sonho, que o senhor tenha realizado sem ser o de ter... ficado aqui na? no no rio ter construído família o senhor realizou algum outro sonho aqui no rio de janeiro? /.../” (linhas 166-170). Dessa vez, quero alcançar uma narrativa de sonhos no Rio de Janeiro. Podemos observar que sua família e seu trabalho eram a realização de seus sonhos.

Segmento 31

foi dois sonhos digamo assim d’eu ter realizado aqui

- | | | |
|-------|-----------|--|
| 161 | Rosania | ah é? ah:: seu francisco. então↑ o que eu queria |
| 162 | | saber... mais é assim né? como é que é :: como é que |
| 163 | | foi a sua vinda pra cá:: como é que o senhor se sentiu |
| 164 | | aqui:: e:: os seus a amigos né? que o senhor disse que |
| 165 | | já tem, então só a última pergunta, né? que eu quero |
| → 166 | | fazer pro senhor é o seguinte é:: ... o senhor tem |
| → 167 | | mais:: algum sonho, que o senhor tenha realizado sem |
| → 168 | | ser o de ter... ficado aqui na? no no rio ter construído |
| → 169 | | família o senhor realizou algum outro sonho aqui no |
| → 170 | | rio de janeiro? ou foi esse mesmo? |
| → 171 | Francisco | ah o meu sonho foi que eu realizei foi esse mesmo foi |
| → 172 | | dois sonhos digamo assim d’eu ter realizado aqui. um |
| → 173 | | que foi o primeiro sonho foi, que eu expliquei agora |
| → 174 | | da da dessa pessoa muito amiga que:: até me arrumei |
| → 175 | | um lugar pra morar hoje eu tenho minha casa enfim) |
| → 176 | | esse foi meu primeiro sonho e e e o que eu tenho hoje |
| → 177 | | que é o meu trabalho né? esses é os dois sonhos que |
| → 178 | | eu realizei é:: e agradeço muito a deus e os amigos |
| → 179 | | () muito apoio entendeu? |

Entrevista 1

Quando falo de realização de sonhos para Seu Francisco, coloco meu conhecimento de mundo em uma experiência distante para ele. No entanto, em mais uma narrativa, Seu Francisco significa e interpreta os valores culturais do trabalho e da família, em sua experiência próxima, para relacioná-los com “realização de sonhos”. Ele significa seu sonho através de mais uma avaliação

sobre a pessoa que tinha conseguido um lugar para ele morar e da importância de seu trabalho até hoje: “/.../ o primeiro sonho foi, que eu expliquei agora da da dessa pessoa muito amiga que:: até me arrumei um lugar pra morar hoje eu tenho minha casa esse foi meu primeiro sonho (enfim) esse foi meu primeiro sonho e e e o que eu tenho hoje que é o meu trabalho né? /.../” (linhas 173-177). Sustenta a importância da ajuda de Deus e de novos laços de solidariedade comunitária em sua vida no Rio de Janeiro quando encaixa uma avaliação na coda “/.../ e agradeço muito a deus e os amigos () muito apoio, entendeu?” (linhas 178-179).

Seu Francisco constrói a identidade de um homem satisfeito por ter realizado, no Rio de Janeiro, seu sonho de ter um lugar para morar, família e um trabalho, diferentemente de sua terra, na qual ele não teve espaço.